

SAVDADES<sup>Cal. 16</sup>  
DA INDIA.

MANIFESTADAS AS MAGESTADES  
DE PORTV GAL

Na solemnidade do glorioso Apostolo  
S. THOME,

Aos 21. de Dezembro de 1648.

EM A CAPELLA REAL.

PELO R. P. DOM ANTONIO ARDIZONE

CLERIGO REGVLAR,

*Theatino da Divina Providencia,*

NEAPOLITANO,

Doutor em a Sagrada Theologia, & Missionario  
Apostolico na India Oriental.

---

LISBOA.

NA OFFICINA CRAESBEECKIANA.

Com todas as licenças. Anno 1652.

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

AMUNDIA

# CERTIDÃO

DO ILLVSTRISSIMO,  
& Reuerendissimo Senhor D. Francisco dos  
Martyres Arcebispo de Goa, Primaz da  
India, do Conselho de S. Magest. &c.

**F**rey Francisco dos Martyres Arcebispo de Goa, Primaz da India, do Concelho de S. Mag. &c. Certifico, que na era de quarenta passaraõ á esta Cidade de Goa hũs Religiosos da sagrada Religiaõ dos Clérigos Regulares, por outro nome Theatinos da Diuina Prouidencia, os quaes saõ nestas Conquistas de muito seruiço de Deos nosso Senhor, & de S. Mag. pela vida exemplar, virtude, & zelo, com que procuraõ a saluação das almas, sem serem molestos a ninguem, & de nenhum perjuizo a esta Republica, por quanto professãõ hũa pobreza estrema, & admirauel de não possuir bẽs de raiz, ou renda algũa em commum, nem em particular por nenhum titulo, nem aceitar Misas perpetuas, tanto que nem esmola podem pedir, para socorrerem suas necessidades, obrigandoos sua sancta Regra a viuerem em tudo dependentes da Diuina Prouidencia das esmolas, que os fieis espontaneamente lhes dão: motiuo para todos os amarem, & estimarem nesta Cidade, aonde estaõ mui bem quistos, & aceitos, por modo que todos os estados desta Republica desejaõ q̃ nella assistãõ, & sentem notauel desconsolação, que della se vaõ. E pelo mesmo respeito de taõ estrema pobreza no Reyno de Golecondã (missãõ que na India tomãtaõ) hum Religioso delles por nome Dom Francisco

Manco, que foi o primeiro Missionario, que ao dito Reyno passou, foi muito bem recebido daquelle Rey, & seus ministros; & por sua muita virtude, & exemplo, como com a pregação do Evangelho tem feito no dito Reyno muitos seruiços a Deos nosso Senhor na conversão dos Gentios, & Apostatas, & em acudir a muitos Christãos, que por lá andaõ, pondoos no caminho verdadeiro de sua saluação, os quaes esauão esquecidos de Deos, & de suas almas, por falta de ministros Euangelicos, que não podem acudir a todos os Reynos, & PrõnCIAS desta vinha tão dilatada do Senhor, por ser muita a sêga, & poucos os cbeiros. E neste Estado fizeraõ hũa obra de muito seruiço de Deos, sendo principal instrumeto della o Padre Dom Antonio Ardizone filho da mesma Religião, o qual com practicas, & sermoões, que pregou nesta Sé Primacial, & em muitas freguesias desta Cidade, & Ilhas adjacentes, & com outras muitas diligencias que fez, leuado do zelo da saluação das Almas, procurou que todos os Christãos naturaes destas Conquistas commungassem na Pascoa, & no perigo da morte, conforme o preceito diuino de Christo Senhor nosso, & da Sancta Madre Igreja, vencendo as muitas dificuldades que nisto haueria, de que resultou tão grande augmento na Sagrada Comunhão, que pelas informações que tiue, & pelas contas que se lançaraõ, sómente no distrito desta Cidade, & Ilha de Goa, & nas Ilhas, & terras adjacentes, de dous para tres annos a esta parte commungaraõ perto de cem mil pessoas que nunca dantes tinhão commungado, alem de outras muitas, que em grande numero começaram a commungar no Norte, & no Sul, & em outras partes deste Oriente, adondé se estendeo o zelo do dito Religioso com grande augmento da Sancta Fè Catholica, por muitos se reduzirem a ella por meio desta Comunhão geral, & com notavel melhorameto destas Chri-

standades, pelas muitas confissõe  
Procurarão tambem os ditos  
zelo os feruiços de S. Magestad,  
feliz acclamação com tantas den  
vassallos, que estãõ tidos por esta nol  
por Portuguezes naturalizados, part  
Padre Dom Antonio, que acclamou  
com tres Sermoẽs, que forão nui acei  
petição da dita nobre Cidade, os que  
Sẽ Primacial no dia anniuersario de sua  
ção, primeiro de Dezembro; & em hum exortou  
tanta efficaeia o pouo a rogarem todos os dias pela  
da, & faude de Sua Magestade, conseruação de sua cata  
Real, & augmento de seus Reynos, & Conquistas, & pe  
la paz, & concordia dos Principes Chriãos, que a tua  
petição, & instancia mandei em todo o meu Arcebispado  
se dessem todas as noites às oito horas cinco bada  
ladas com o sino grande em todas as freguezias, para no  
dito tempo todos rezarem certas oraçoẽs, para o mes  
mo fim, a qual deução por obra do dito Padre se foi  
tambem estendendo fora deste Arcebispado pelas ter  
ras, & Cidades deste Estado. E outrosi certifico constar  
pelo liuro dos Breues, que se conserua nesta Sê, ser a  
mesma Sê erigida em Arcebispado á instancia do Se  
nhor Rey Dom Sebastião no principio de seu Reyna  
do pelo sancto Fundador desta sagrada Religião, que  
foi o Sancto Padre Paulo IV. o qual sendo Bispo de  
Theati (donde vê o nome de Theatino) a fundou cõ o  
B. Caetano principal fundador da mesma sagrada Re  
ligião, & sendo Papa eregeu o dito Arcebispado, & fundou  
nestas Conquistas os Bispados de Cochim, & Malaca.  
E por entender que fora de muito seruiço de Deos, &  
de Sua Magestade ficarem os ditos Religiosos nesta  
Cidade na Ermida em que atê o presente assistem, &  
terem nella ao menos hum hospicio, para pederem cõ  
tinuar

de tanta gloria, & seruiço de  
ade, & poderem por este meio acu  
erá seu mayor seruiço tomar aos di  
baixo de sua Real protecçõ, & em  
tor que lhe fizer, será nelles bem em  
uito seruiço de Deos, & de S. Magesta  
arei pelo bem espiritual, que da assiste  
igiosos neste Estado resulta nas minhas  
E por passar todo o referido na verdade, o ju  
or minha sagraçã, & ser o final abaixo meu. Go  
de Dezembro 1647.

Locus ✠ Sigilli.

*Fr. Francisco dos Martyres  
Arcebispo Primàs da India.*

# THOMAS

non erat cum eis quando venit

IESVS.

Dixerunt ergo ei alij Discipuli:  
Vidimus Dominum.

IOAN. 20. n. 24.

MVITO ALTOS, E PODEROSOS REYS  
E SENHORES NOSSOS.



**A**PERFEITA semelhança de duas grandiosas Monarchias, húa espiritual em Roma, outra temporal neste Reyno, nos servirá de guia para a acômodação do Euangelho em dia tão alegre, & festiual, em que a India tributa suas riquezas a seu glorioso Padroeiro, & Apostolo S. Thomé, & reconhece sojeição a seu legitimo Rey. A perfeita (digo) semelhança: Porque estas duas Monarchias são de Christo com titulo especial de dominio, de que não goza outra nenhuma do mundo, fundadas immediatamente por elle por hum mesmo modo, & para hum mesmo fim.

**2** Fundou Christo sua Monarchia espiritual crucificado no Caluário, dizem os Sanctos Padres, Crucificado no Campo de Ourique fundou esta sua temporal, dizem as historias.

**3** A espiritual fundou para si: *Ecclesiam meam*; & entregou a administração ao mais sancto entre os Apollolos, a S. Pedro, & seus successores. Fundou tambem esta temporal para si: *Imperium mihi*; & entregou seu governo ao mais sancto entre os Reys Portugueses, ao Sancto Rey Dom Affonso Henriques, & seus descendentes.

**4** A entrega da Monarchia espiritual foi com chagas gloriosas, com as quaes appareceo a S. Pedro depois de resucitado. A entrega desta temporal foi pelo mesmo modo, com chagas gloriosas, com as quaes appareceo no Ceo ao sancto Rey,

F. Bern.  
p. 1.º de  
Chronica  
de Cister.  
l. 3. c. 3.  
Vieg. l. 4.  
pag. 132.  
Almeid  
da Res.  
de Foring.  
l. p. c. 5.  
Souza de  
Maior  
triumph.  
in princ.  
Matt. 16.  
n. 18.

—

Maldon.  
in Ioan.  
cap. 21 n.  
15.  
Fr. Bern.  
Vieg. Al-  
mei. Sous.  
loc. supra  
cit.  
Marc. 16.  
n. 15.  
Aurb. su-  
pra cit.  
Ad Eph. 5.  
n. 25.  
Fr. Bern.  
Viegas.  
Sous.  
Almeid.  
loc. sup.  
cit.  
Mat. 28  
n. 20.  
Almeid.  
loco cit.  
Mat. 16.  
n. 18.  
Almeid.  
in Ioan. c.  
21. n. 15.  
Almeid.  
loc. cit.

5 As palavras que Christo disse a S. Pedro, quando nelle fundou sua Monarquia espirital, conforme a glosa de Maldonado, forão estas: *Volo nunc super te Ecclesiam meam edificare*. Quero edificar em vós minha Igreja. Estas mesmas forão as palavras, que disse ao sãto Rey Portugues, quãdo nelle estabeleceu sua Monarquia tēporal: *Volo in te, & in semine tuo Imperiū mibi stabilire*. Quero estabelecer em vós, & em vossos descendentes meu Imperio.

6 O fim que Christo teve na fundação de sua Monarquia espirital, foi a propagação de seu sanctissimo nome por meio do Evangelho: *Pradicatē Euangelium omni creaturae*. Este mesmo foi o fim que teve na fundação desta sua Monarquia temporal: *Ut deferatur nomen meum ad exteras gentes*.

7 Sancta & sem macula he a Monarquia espirital de Christo, & delle mui amada: *Christus dilexit Ecclesiam* ( diz S. Paulo ) & *seipsum tradidit pro ea &c. ut sit sancta & immaculata*. Assi esta temporal, quiz que fosse sancta, & sem macula de infidelidade & por sua piedade mui querida: *Erit mibi Regnum sanctificatum & sine macula, & pietate ductum*.

8 E te finalmente disse Christo de sua Monarquia espirital, que durara até o fim do mundo: *Ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi*. Desta sua temporal disse o mesmo, que nunca em nenhum tempo deixaria de amparar: *Non recedet unquam ab eis neque a te misericordia mea*.

9 Donde infiro para a perfeita semelhança, que os Reys de Portugal são Vigairos de Christo na terra no temporal, assi como os Pontifices Romanos são Vigairos de Christo na terra no espirital; porque de ambas as Monarquias corre a mesma razão. São os Pontifices Romanos Vigairos de Christo na terra no espirital, porque a Monarquia espirital da Igreja he de Christo. Fundou a Senhor para si, & não para S. Pedro: *Ecclesia meam*. Seu he o direito senhorio: De S. Pedro somente he a administração: *Volo nunc super te*. Pela mesma razão são os Reys Portugueses Vigairos de Christo na terra no temporal; porque a Monarquia temporal Portuguesa, este Imperio de Portugal he tambem de Christo. Fundou para si: *Imperium mibi*. Seu he o direito senhorio: Do sancto Rey, & seus descendentes he fômente o governo. Estabeleceu nelles para que o governassem em seu nome: *Volo in te, & in semine tuo*.

10 Mas o que rematou tão perfeita semelhança, o que lhe deu a maior perfeição, & fez que a Monarquia tēporal Portuguesa em



Ja em tudo fosse semelhante á espiritual Romana, foraõ as  
 chaves que Christo deu ao sancto Rey. As chaves de sua Mo-  
 narchia espiritual, que deu a S. Pedro: *Tibi dabo claves*, foraõ suas  
 sacratissimas chagas, foi o preço de sua preciosissimo sangue:  
*Sanguis Christi* (dizia S. Hieronymo) *est clavis Paradisi*: O sangue  
 de Christo he a chave do Paraiso. Senhor, paraque estas cha-  
 ves? Paraque? Para conquistas espirituas de Reynos, & Im-  
 perios espirituas. A Monarchia he espirituál; pois sejaõ es-  
 pirituas suas conquistas: Para conquista do Reyno do Ceo,  
 para conquista do Reyno da Gloria, para conquista do Parai-  
 so: *Tibi dabo claves Regni colorum*. Estas mesmas chaves deu Chri-  
 sto ao sancto Rey, & seus descendentes na fundação desta sua  
 Monarchia temporal: *Insigne tuum ex pratio, quo ego humanum genus*  
*emi, compones*. Paraque? Para conquistas temporas. He a  
 Monarchia temporal; pois sejaõ temporas suas conquistas.  
 Como se differa o Senhor: Tomai (ô Rey Portugues) as cha-  
 ves da terra, para a conquistar, & sojeitar debaixo do vosso  
 Imperio, tomai as mesmas chagas, que dei a S. Pedro, para con-  
 quistar o Ceo. Ide com ellas abrir as portas de Africa, senho-  
 rear o Reyno de Angola, dominar o Estado do Brasil. Naõ as  
 largueis por nenhum caso; porque virá tempo, em que hum  
 Rey famoso de vosso sangue, & de meu nome, Manoel, abrirá  
 com ellas as portas da India saçanhosas, que nem Hercules  
 pode abrir com seu podenque o inferno, & a natureza tem fe-  
 chadas, paraque ninguem passe por ellas, a ver as desejadadas  
 terras do Oriente. Abrirá a porta medonha, & espantosa do  
 Cabo tormentoso, que amedrentando aos nauegantes, que por  
 ella passãõ, os enchem de grandes esperanças de conquistas.  
 Passará adiante abrir as portas do ouro nos rios de Cuama, o  
 grande Imperio de Monomotapa, os serrados portos do Mar  
 roxo, os vastos Reynos da Arabia feliz, o estreito quasi impe-  
 netrauel da Persia, a costa fertilissima da India, a rica perola Ilha  
 Ceilão, a grão cidade de Meliapur, famosa por ser do meu Apo-  
 stolo S. Thomé, as terras grandiosas de Bengala, o admirauel  
 Pegú, as muitas & grandes fortalezas do Malayo, o Babiloni-  
 co Seyão, Cambôa, & Cóchinchina, o dilatado Imperio da  
 China, as Ilhas de Samatra, Bornéa & as Malucas, húa; & ou-  
 tra Iaua maior, & a menor, Solór, Timór, & o Iapão, final-  
 mente hum mundo, aonde nasce o Sol, & as riquezas.

A 1 O chagas preciosas! ô chaves poderosas! Com muita ra-

Mat. 16.  
n. 19.

Hierony.  
apud S.  
Thom. o-  
pusc. 58.

Fr. Bem.  
p. 1. Chr.  
de Cister,  
lib. 3 c. 3.  
Vieg. l. 4.  
pag. 132.  
Almad.  
da r. s. l. a.  
de Port.  
p. 1. c. 5.

zaõ logo suspiraua por ellas a glorioso Apostolo S. Thomé; antes de ir à India prégalas; & com razão a India suspira com as mesmas saudades. Desejaua S. Thomé ver as chagas de seu Senhor esclarecidas na resurreiçãõ, como as tinha chorado escurcidas na morte; porque com ellas hauiã de abrir as portas da India, para lhe introduzir a fé; & deseja a India ver as mesmas chagas triumphar com arrayaes, & armadas em seus estandartes na resurreiçãõ taõ festejada de V. Magestade, como as viu lastimadas no eclipse da perda de seus Reys Portugueses, para fechar as mesmas portas aos inimigos da fé.

12 Destes desejos de S. Thomé trata o Euangelho da presente solemnidade com as nouas da resurreiçãõ de Christo, & faoures que d'elle recebeo; porem com tanta allegoria aos desejos da India, que parece hum debuxo de suas saudades, & das nouas que daqui lhe foraõ da resurreiçãõ taõ festejada de V. Magestade: *Thomas non erat cum eis quando venit Iesus*: Naõ se achou S. Thomé em companhia dos Apostolos, quando lhes appareceo Christo em Ierusalem resuscitado. Naõ se achou a India com os Portugueses deste Reyno quando V. Magestade appareceo Rey aclamado em Portugal. *Dixerunt ergo ei alij Discipuli*: De Christo o disserãõ a Thomé os mais Apostolos: *Vidimus Dominum*: Vimos o Senhor. De V. Magestade o disserãõ á India os Portugueses, que de eã foraõ com o auiso: *Vidimus Dominum*: Temos Rey. A estas nouas desejou Thomé ver as chagas de seu Senhor, mas gloriosas, resoluto a naõ crer a resurreiçãõ, até as ver, & as palpar: *Nisi videro non credam*. E naõ foi tanto naõ crer, como querer-se assegurar. Naõ disse, que queria ver a Christo, tendo d'elle grandes saudades, mas sòmẽte as chagas: *Nisi videro in manibus eius fixuram clauorum*. No que claramente figurou a India, que dando credito, & festejando as nouas da resurreiçãõ de V. Magestade, naõ a teue por firmes, & seguras, até ver brilhar em seus estandartes as cinco chagas, que venera com luzes de firmeza, & com resplandores de virtorias.

13 Nem falta no Euangelho a allegoria do presente a to; porque diz, que depois de oito dias do tempo da resurreiçãõ, viu S. Thomé a Christo em companhia dos mais Apostolos, que eraõ os Grandes da Corte do Senhor: *Post dies octo*; & o que mais noto: *Ianuis clausis*: Com portas fechadas: hum Thomé, a quem Deos fez Portugues por patrocínio, & amor, & naõ por

sangue.

lanque. Do tempo da gloriosa relurreiçãõ de V. Magestade neste presente mes de Dezembro deste anno de mil seilcentos, quarêta & oito, se compriraõ oito annos, q̃ a sagrada Escriptura muitas vezes chama dias, como nota o allegorico Laureto: *Post dies octo*, em que ordenou Deos, que vindo eu da India com portas taõ fechadas para os Missionarios estrangeiros: *Lanuis clausis*, merecesse ver a V. Magestade deste lugar com os Grandes de sua Corte.

Laures. in  
sylua al-  
legor. ver  
bo Dies

14 O que Christo fez a S. Thomè foi mostrar-lhe seu peito grandioso, & suas liberaes mãos abertas: *Vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum*, com que o obrigou, a que postado na terra o confessasse por seu Deos, & Senhor: *Dominus meus, & Deus meus*. Isto mesmo espero da grandeza de V. Magestade, para poder dizer com S. Thomè como obrigado, o que disse ja como subdito: *Dominus meus, & Rex meus*: Meu Senhor, meu Rey.

15 Serà pois a materia do Sermão as sandes da India, discursando sobre o Evangelho com o favor da graça.

**A V E M A R I A,**

[Faint, mostly illegible text from the reverse side of the page, appearing as bleed-through or ghosting.]

**THE**

THOMAS

non erat cum eis quando venit

IESVS.

Dixerunt ergo ei alij Discipuli

Vidimus Dominum.

16 **G**RANDES foram as Saudades, que Christo remediou em S. Thomé com sua presença, demonstradoras das que tebe a India. As primeiras foram de seu Senhor, em quem fundava suas esperanças, as quaes crescerão com as novas de ser apparecido: *Vidimus Dominum*. As segundas de suas chagas immortaes, que desejava ver: *Nisi videro in manibus eius fixurum clavorum*. As terceiras de seu divino lado, em que queria ser admitido: *Et mittam manum meam in latus eius*. A todas remediou Christo, cõpadecido delle pelo muito que lhe queria, & pelo muito que lhe importava ter hum Thomé, para aumento de sua espiritual Monarchia; porem depois de oito dias: *Post dies octo*: Que ainda Christo, que he Senhor dos tempos, espera pelo tempo, para curar saudades de seus mais queridos, & mimosos. As primeiras, com lhe apparecer: *Venit Iesus*. As segundas, cõ lhe mostrar as feridas immor-

taes de suas sagradas mãos: *Vide manus meas*. As terceiras, admitindo o em seu divino lado: *Mittam manum meam*. Semelhantes a estas foram as saudades da India. As primeiras de seu Rey, crecidas com a dilacão, não breve de oito dias, mas larga, & dilatada de sessenta annos. As segundas das chagas immortaes, que traz em seus estardates, desejava de as ver, & festejar exalçadas na resurreicão, como as vio, & chorou vituperadas na morte. As terceiras de ser admitida em seu amoroso lado, como esposa mais querida, & Rainha mais fermosa, de quem depende toda a fermosura da Monarchia Lusitana. Se estas saudades da India se remediaraõ, como remediou Christo as de Thomé, o discurso presente o mostrará.

17 Saudades teve a India de seu legitimo Rey, & Senhor, q̃ a magoaraõ por sessenta annos. Ay saudades! com quãta razãõ as acompaña com laltimofas lagrimas

Joan. 20.  
num. 25.

legítimas, q̄ como rios sabião continuamente de seus olhos, & com suspiros de seu affligido peito, que chegauão às estrellas. Não se viu mais depois que perdeu seu Rey Portugues assentada como de antes em throno majestoso, ornada cō o mais rico do Oriente, com os pés sobre as cabeças dos mais poderosos, & soberbos Reys, & Monarchas, que teue a Gêntilidade, & a Mourama, piládo-lhes os sceptros & coronas, conquistando Reynos, & Impérios, arruinando Mesquitas, & Pagódes, destruindo os idolos dos Gêntios, & sojeitando hum mundo a sua obediencia, & de Christo. Mas assentou-se no chaõ, viuua sem esposo, Rainha sem Rey, Senhora sem magestade, vestida não de gala, mas de luto, cercada de muitos, & grandes inimigos, chorando as noτίας, que amomentos lhe chegauão de lastimosas perdas; porque cō a morte de seus legítimos Reys Lusitanos, & com a perda delles, perdeu aquelles homens tão famosos, que a conservação com seu esforço, & a defendião com seu valor,

18 Quem mais homem que Pedro? Quem mais animoso, & valente, Lugartenente de Christo, primeiro Vice-Rey de seu Imperio, primeiro Vi-

ce-Christo na terra? Tã esforçado, que esquecido do remmo, empunha no horto animoso a espada, trocando a arte de pescador com a militar, mostrandose soldado tão valente, & com tanto esforço, & brio, que ló sem mais armas, q̄ hũa faca, acometeo pela honra de seu diuino Rey a hum esquadrão de soldados armados, reforçados com o poder do inferno: *Exeruit gladium suum, Mat. 26. & percuciens seruum principis Sacerdotum, amputauit auriculam eius. E* na se quem mais fiel? Pois de se jua da por ella a vida em companhia de seu Senhor: *Etiã Mat 26: si oportuerit mori tecum, non te negabo.* Ponde isto de parte, não vos passe da memoria. Quem mais fraco que o mesmo Pedro, que de hũa mulherinha fraca, & desarmada se temeo no adro do Principe dos Sacerdotes, de hũa serua, de hũa escrava: *ancilla?* Quem mais inconstante na fé, que sem constrangimento, sem prisão, ou tormento, para que a negasse, negou tres vezes a seu Deos? No horto Pedro tão valente, que parecia hum Scipião? Mas que digo? Hum Scipião? Parecia hum Portugues, hum daquelles antigos, & famosos, que pãsarão a conquistar a India, dos quaes deuia fallar Moyses, quando disse em seu diuino Cantico, que

ham

hum brigaua contra mil, & dous afugentauão a dez mil:

Deuter.

32. n.

30.

*Quomodo persequatur vnus mille. & duo fugent decem millia?* E no adro tão fraco, & puslanime, como hũa galinha, que a hũa mulher se acouarda? Que n'õ sem mysterio lhe disse Christo, que antes de cantar o gallo o negaria tres vezes: *Antequam gal-*

Mat 26.

n. 34.

*lus cantet, ter me negabis:* Porque mostrando fraqueza de galinha, justo era que lhe respondesse o gallo. Lã tão forte, & tão constante na fe, que

Mat. 26.

n. 35.

beber por ella o caliz da morte, lhe parecia beber hum pouco de agua: *Est enim si oportuerit*

Mat. 26.

n. 35.

*me mori tecum, non te negabo;* & cã tão tímido, & covarde, que a nega tres vezes sem tormento! Que mudanças são estas de Pedro? Ah! mudanças, & auencias do Rey, perda de seu legitimo Senhor. Quando Pedro no horto se mostrou tão brioso, & valente, que cõ hũa faquinha fez rasto a humesquadraõ armado, tinha Rey natural, tinha a Christo confego, brigaua por seu amor, & brigaria com o mundo todo. Quando se offerceco a dar a vida por seu sancto nome, protestou, que hauiã de ser em sua companhia: *Si oportuerit me mori tecum;* tendouos comigo. E tendo Pedro Rey natural, era homem, soldado, valente, esforçado, arditoso, como

hum Portuguez, sem o perdedo na prisão, em sonindo que acabaua a vida, acabãtaõ nelle os brios, & o valor de homem, acabãtaõ as valentias, os atdis de guerra, as proezas de soldado, & a constancia na fã. 19 O India! ó India! Que daquelles homẽs tão famosos do tẽpo de vossos Reys Portuguezes, affombro do Oriente, espanto do mundo, que cõ seu esforço, & valor vos semelharãõ à Esposa dos Cantares, terruel, & fermosa?

20 Que de aquelles finalados Portuguezes, porquẽ vos mandou buscar o memorauel Rey da esfera doutada, o Grãde Dom Manoel, o melhor nõ gouernao, o maior na ventura, o mais glorioso na memoria, para se desposar com vosco, mandandouos vestir de Rainha Catholica, & Christã, com a opa branca da fe, cõ o sceptro da sancta Cruz, coroadã de ministros Euangeli-

21 Que do primeiro Embaxador de tão felices desposorios aquelle Vasco da Gama, que ltuãdo no peito o amor de seu Rey por couraça, & por bastão o tridente de Nephtuno, feito Iosué em mais de cinco mil legoas de mar, descubrio a noua tẽra de Promissãõ, & se recolheo com as leys do tributo executadas?

22 Que

22 **Quê do tremendo conquistador o Grande Afonso de Albuquerque**, grande entre os grandes Portugueses, q̃ como raio correndo pelo Norte, & pelo Sul, assombrando vossos mares, Persico, Indico, & Malaio, & descorando o Már roxo, enfreou o Graó Turco em Meca, espantou na Persia o Sofy, atemorizou a Arabia, afugentou ao Hidalcão, rendeu ao de Pintaõ, & sujeitando tres emporios, Ormuz, Goa, & Malaca, se poz de eterna fama tres coross na cabeça?

23 **Quê do vosso primeiro Vice-Rey Dom Francisco de Almeida**, açoute dos Rumes, terror do Melique, espanto do Malauar, corisco abrasador de terras, de cidades, & armadas, com tanta gloria vossa, & assombro dos mais poderosos, & arrogantes Reys de vossos Reynos?

24 **Quê dos ardis de guerra dos Lopez, & Siqueiras**, as façanhas dos Lacerdas, as proezas dos Noronhas, as victorias dos Souzas, dos Cunhas, & dos Castros, o valor dos Attaydes dos Menezes, & Pachecos, & o esforço, & governo dos famosos Mascarenhas?

25 **Quê das grandes, & heroicas empresas**, quê do zelo, quê da religião do mag-

nanimio Vice-Rey, & Senhot Dom Constantino de Bragãça, que em menos tempo de tres annos, que escassamente governou, tomou aos Mouros a cidade de Damaõ, sujeitou a Ilha de Manár, conquistou o Reyno de Iafanapataõ, confundio o Paganismo com o incendio taõ celebrado do dente do Bugio, pelo qual oferecia o Rey Pegú trezentos mil cruzados, & obrou, naõ com prégar, mas com fauorecer (que mais podem muitas vezes os fauores, que os Sermoes Euangelicos) a conuersão de mais Gentios, do que obraraõ os muitos, & grãdes Vice-Reys que tiuestes?

26 **O India! ò India!** Quê destes Hercules famosos destes homês agigantados, estes gigantes de valentia, homês duplicados, semelhantes a aquelles de quem fallaua Ezechiei:

*Homo homo de domo Isra:!* Homês homês, Homês, dos quaes diziaõ os Turcos, & os Mouros, que sãõ podião trazer barbas no rosto, porque só estes eraõ homês. O India, quê destes homês taõ esforçados? Ay! que parece que me responde: Acabaraõ cõ seus Reys Portugueses, que Deos me leuou, sepultaraõse com seus legitimos Senhores; Que se tiuera sempre Reys Portugueses, tiuera sempre Portugueses homês,

Ezechi  
14. n. 7.

mês. Esta falta choró, por esta me lastimo, por esta tenho tantas saudades de meus Reys. 27 Pintar as saudades da India, & seu lastimoso estado com a falta de seus Reys naturaes o Euangelista S. Ioaõ naquelle homem, de que diz, que trinta & oito annos hauiã, que estaua enfermo: *Et ait quidam homo, triginta & octo annos habens in infirmitate sua.* Se considerarmos a India desde o tempo que adoeceo até o anno de quarenta, em que lhe começou a melhora com a feliz aclamação de V. Magestade, acharemos, que se interposeu quarenta annos. Porque não adoeceo o anno de quinhentos & oitenta, em que passou a Castella; mas antes então lhe pareceo, que encostada à grandiosa aruore do Nabuco Castelhana, cuberta de folhas de esperanças, sem fructo de merces, não sabendo que a mandaua Deos cortar por seus pecados: *Succidite arborem,* teria debaixo de sua sombra maior firmeza, & sermosura. Nem tão pouco adoeceo naquelles primeiros annos, sem que com suas Naos a visitou Olanda, a qual vêdea Rainha tão fermosa, se empenhou para se de posar com ella, ajuntando armaz. & armadas, para redizir a Olandesa o q̄ Deos tinha feito. Portuguesa à cu-

Ioann. 5.  
n.5.

Daniel 4.  
n.20.

sta de tanto sangue dos mais esforçados deste Reyno. Mas adoeceo no anno de seiscientos, quando se sentio abalada das armas inimigas, quando lhe entrou o frio das heregias, quando lhe começaraõ as febres dos assaltos, quando se vio paralitica, & mortal nas perdas que temia, entaõ adoeceo, quarenta annos antes da resurreição de seu legirimo Senhor, quarenta annos (digo) antes da aclamação de V. Magestade.

28 Trinta & oito annos de doente tinha este enfermo do Euangelho: *Triginta & octo annos habens in infirmitate sua.* Compadeceose delle o Senhor, & diz-lhe: *Vis sanus fieri?* Enfermo quereis saude? Não responde o enfermo directamente á pergunta, mas a causa de sua doença; & que diz? *Hominem non habeo:* Senhor, faltame hum homem, dando com isto a entender, que tinha saudades de hum homem do qual dependia todo o remedio de seu mal. Tal se me representa a India no anno de 38 enfermã de trinta & oito annos: *Triginta & octo annos habens in infirmitate sua.* fraca, sem forças, sem dinheiros, com os comercios quebrados, as alfandegas pobres, sem exercitos, sem armadas, sem armaz, & sem homẽs, cercada de muitos inimigos, sentida

Ioann.  
n.6.



das muitas perdas, receosa de outras, com a candeia na mão agonizando, perto de acabar lastimosamente a vida. India que tendes? Quereis laude? *Vis sanus fieri?* Responde a India com hum lastimoso ay, cõ hum suspiro saído da alma, lamentando com lagrimas mortaes, que como de fonte lhe saem dos olhos: *Hominem non habeo*: Ay, que a causa de meu mal he a falta de hum homem, de quem depende todo o meu remedio. Faltame o Homem que desejo, o Salvador que espero, o Rey Portugues, por quem choro, & suspiro; que se o tiuera, não acabára tão lastimosamente a vida: *Hominem non habeo*.

29 Entra S. Agostinho cõ a delicadeza de seu engenho: Porque o anno de trinta & oito neste enfermo era anno de achaques, & doencas? *Quare numerus ille trigessimus, & octauus languoris sit potius, quam sanitatis?* Porque era anno de falta de hum homem? *Hominem non habeo*. E responde com hũas palavras, que tendoas escritas ha mais de mil' annos, parece que as escreuèra nesta era à vista do sentimento saudoso da India. Diz que o anno de trinta & oito era anno de achaques, & doencas, anno em que faltava hum homem desejado: *Hominem non habeo*; porque lhe

faltauèõ dous para quarenta:

*Quid miraris quia languebat, qui à quadraginta duos minus habebat?* Bca noua India, boa noua, estai de bom animo. Não vos affija o miseravel estado em que vos vedes, porque inda que vos pareça que morreis, não estais tão mal, que não possais durar dous annos mais. Tendes trinta & oito annos de doente: *Triginta, & octo annos habes in infirmitate tua*: Faltanos dous para quarenta: Como estes se cumprirem, tereis o Homem que desejaes, o Salvador devido a vossas esperanças, o felice Rey Portugues, por què ha tantos annos q̃ suspirais: *Quid miraris quia languebat, qui à quadraginta duo minus habebat*.

30 O anno ditolo, o felice anno, em que chegou à India do Occidente o Sol a tempo que a luz de seus maiores resplandotes se hia pondo no Oriente. Alegraiuos India, alegraiuos. Não he já tempo de chorar perdas passadas, mas de festejar nouas presentes, & a expectaçõ de glorias futuras; com firme posse do que tantos annos esperastes. Deixai o luto, que ha sessenta annos que vestis, enxugai as lagrimas de vossos olhos; porq̃ já agora não sois viuua sem esposo, Rainha sem Rey, Emperatriz, & Monarcha sem Magestade. Já voltou a pri-

Nota, que a acclamação del Rey Dom João IV. de Portugal foi no anno de 40. em o qual esperaua a India, & toda a Monarchia de Portugal o Rey prometido.

mauera de vossas felicidades, o tempo de vossas venturas, o nuncio da paz, semelhante à que deu Christo a S. Thomé: *Pax vobis*. Paráraõ com tão alegres nouas as armas em Ceilão, os apertos de Columbo, o cerco de Goa, as armadas inimigas no Norte, & no Sul, para que nauagueis Senhora como d'antes vossos mãres. Mandaruoshaõ alegres embaixadas os mais arrogantes Reys, & Monarchas dos Mouros, & Gentios, temendo já como no tẽpo antigo as chagas immortaes de vossos estãdantes. Esta he, ò India, a era, em que resurgirão com vosso Rey Portugues, & Monarcha tão desejado, os Hercules Portugueses que perdestes; porque está escripto:

Bandas.

110. 110.

*Sonhaua com grão prazer,**Que os mortos resuscitauão.**E todos se aleu m m m m m**E tornauão a renouer.*

31 Tornáraõ aquelles tempos, quando vossos arriaes, & armadas affombrauão o Indo, espantauão o Gange, atemorisaõ o Mâr Roxo, temêdole dellas o Rey de Quiloá na costa de Africa, o Turco em Meca, o Imãmo na Arabia, o Xabás na Persia, o Grão Mogolt no Sindé, & em Surrate, o Soltão Badúr em Dio, em Dãmão e Choutiã, o Melique em Chauli, o Idalxã em Goa, em

Onòr o Canarã, o Adã, todo o Malabãr em Canadòr, em Crangasòr o Samorim, em Cochim o Nãire, em Couleõ o Rey de Trausncòr, em Columbo o Cingalã, o Nãique de Madurè em Totucorim, o de Tanjaor em Nagapataõ, em Meliapòr o Bisnagã, o Rey de Golocondã em Gergelim, em Golim o de Bengala, o grã Pegu em Serião, o trêdo Achem, & o arrogante Malaiõ na forte, & gèral cidade de Malaca, os Reys de Amboino, & Malucas nas fortalezas de Ternãte, & de Tidóre, & os grandes Imperios da China, & Iapão na ilha, & fortaleza de Macão. Tornáraõ, ò India, estes tempos felices, & esta era dourada.

32 Com estas nouas, & com estas esperanças de tornar a ser o que já foi, se alegrou a India. Com esta voz de ser aparecido seu desejado Rey: *Vidimus Dominum*, apagarãose as primeiras sauidades, mas crecêrãõ as segundas das chagas immortaes: *Nisi videro in manibus eius fixuram clauorum*, deseiosa de as ver em seus estãdantes realçadas na refutreiçãõ de seu legitimo Senhor, como as vio eclipsadas na morte de seu vltimo Rey Portugues. Chama o Real Propheta em espirito à morte de Christo sono, com hũas misteriosas palauras, que

Ioan. 20.

n. 25.

por

es ouui repetir na India aos nossos Portuguezes, desde o tempo que lá cheguei no anno de 40. demonstradoras das grandes saudades que tinha de o ver refucitado com chagas gloriosas, em socorro, & ajuda de seu pouo: *Exurge, quare obdormis Domine? exurge, & ne repellas in finem. Oblivisceris inopia nostra, & tribulationis nostrae?* Senhor leuantaiuos, para que dormis? Leuantaiuos, & não desprezeis nossas rogatiuas. Esqueceisvos de nós em tempo de necessidades, & apertos? Cuidei por vezes nestas palavras, admirado de fallarem de hũa morte chamada sono: *Quare obdormis?* De hũa reur-reição chamada leuantamêto: *Exurge:* De hũas saudades acrecêtas nos apertos: *Oblivisceris inopia nostra, & tribulationis nostrae?* De hũas palavras ditas por hũ Propheta, & repetidas em semelhante sentido pelos Portuguezes da India os quaes me perguntauão quando lá cheguei: Se o Serenissimo Duque de Bragança ainda dormis, & se hauiã algũa esperança de q̄ acordasse, para remir a India auexada, & perdida com guerras, & perdas: *Exurge, quare obdormis Domine?* E palma o entendimento de ver a semelhança, que teue hũa com a outra cousa, o sono de Christo com o sono dos Serenissimos Du-

ques, as saudades do Propheta com as saudades dos Portuguezes, os apertos de Israel com os apertos da India, & a causa que tiueraõ para dormir Christo, & os Duques.

33 A causa que Christo teue para dormir, foi o poder de Cesar, & o medo dos Hebreos. Semelhante foi a que teue, para dormir o Serenissimo Duque Dom João o I. o poder do filho de Cesar, & o medo dos Portuguezes. Era Christo legitimo Rey de Iudea, & as claras o dizia: era o Duque Dom Iosó o I. legitimo Rey de Portugal, & o direito era claro em seu favor. Possuia o Reyno de Iudea Cesar Augusto cõ receios de o perder: pretendia o Reyno de Portugal o filho de Cesar Dom Phelippe o Pradente, filho do Imperador Carlos V. cõ deliberaçãõ de o sujeitar. Là temião os Hebreos o poder dos Romanos, se acclamassẽ a Christo por seu Rey: *Ve-*

*Ioan. 11.*  
*n. 48.*

*nient Romani, & tollent nostrum locum, & gentem:* Cã temião os Portuguezes o poder dos Castelhanos, se acclamassẽ ao Duque. Por medo dos exercitos Romanos se deliberáraõ os Hebreos de acclamar a Cesar: *Non habemus Regem, nisi Casarẽ.*

*Ioan. 19.*  
*n. 15.*

Por medo dos exercitos Castelhanos deliberáraõ os Portuguezes de acclamar ao Cesar

Castelhana, a el Rey Dom Phelippe, & todos para se conseruarem com paz, procurãõ de extinguir em seus legitimos senhores o titulo de Rey, pondo em esquecimentõ seu, de direito, os Hebreos crucificando a Christo quanto ao corpo, trocandolhe o verdadeiro sceptro pelo de zombaria, os Portuguezes crucificando ao Duque quanto a alma, priuando injustamente de seu Reyno. Porem o mais a que chegãrãõ foi obrigarlos a dormir: *Ego dormini, & separatus sum*, diz em pessoa de Christo, fallando de sua morte, & sepultura, o Propheta Rey. E quanto dormirão? Tres dias mysteriosos. Tres dias dormio Christo, que a David, vêdoos em espirito, parecêrãõ muitos annos, pelas saudades, & desejos que tinha de o ver refucitado cõ chagas gloriosas em ajuda, & soccorro de seu pouo. Nem foraõ de todo perfectos; porque no primeiro dia dormio na declinaçãõ, quando o dia acabaua, & não no principio, desde sexta feira á tarde, que morreo, até meia noite conta-se por hum dia. O segundo o dormio todo, desde meia noite de sexta feira, até meia noite do Sabbado. E o terceiro dormio no principio do dia, & não no fim, desde meia noite do Sabbado até o

Domingo pela menhaã, em que resurgio. Via David em espirito a Christo, que dormia, & Israel oprimido, esperando as luzes da redençaõ, & as chagas gloriozas de sua liberdade; & parecendolhe tres dias de sono muito tempo, cõ lagrimas, com suspiros, & cõ saudades brada: *Exurge, quæ ab dormis Domine? exurge, & ne repellas in finem. Obluisceris inopia nostra, & tribulationis nostra? Ah Senhor! depois de tres dias de sono ainda dormis? Leuantai-vos, leuantai-vos, não enjeiteis nestos rogos. Esquecei-vos de nós em tempo de necessidadades. & apertos?*

34 De sorte que tres dias dormio Christo, que ao Real Propheta pareciaõ muitos annos: E tres dias dormirão os Serenissimos Duques, tres dias mysteriosos semelhantes a Christo, que à India saudosa, & anexada parecêrãõ largos tempos. Quero dizer, que dormirão somente tres Duques, os quæ representãrãõ os tres dias do sono de Christo; porque a vida de hum horã (diz o Doutor allegorico) na sagrada Escripura conta-se à

*Lauree. in  
sylvæ al-  
dum sumitur pro toto tempore vitæ legor. ver-  
presentis: & tota dies est totum tem-  
pus huius vitæ. Assi que a vida de  
tres Duques, que dormirão, cõ-  
tãõse por tres dias, Nem so-  
tãõ*

*Psal. 3.  
n. 6.*

Não todos perfeitos, mas seme-  
 lhantes aos tres dias do sono  
 de Christo. O Serenissimo  
 Duque Dom João o I. auô de  
 V. Magestade dormio no fim  
 do dia, & não no principio,  
 assi como Christo na festa fei-  
 ra; porque lhe pertécia o Rey-  
 no na declinaçã da vida, va-  
 raõ perfeito com muitos an-  
 nos; mas dormio, não o pos-  
 suio. O Serenissimo Duque  
 Dom Theodosio pay de V.  
 Magestade, durmio todo o  
 dia, assi como Christo no Sab-  
 bado; porque desde seu naci-  
 mento até sua morte sempre  
 foy o Reyno seu; mas sempre  
 dormio, nunca o possuio. E  
 V. Magestade dormio no  
 principio do dia, & não no  
 fim, assi como Christo no Do-  
 mingo; porque desde seu Real  
 nacimiento no anno de 1604.  
 até que resurgio no de 1640.  
 por sua feliz, & gloriosa ac-  
 clamaçã, lhe pertécia o Rey-  
 no, mas dormio, não o pos-  
 suio: *Ego dormivi. & soporatus sum.*  
 A India que nestes tres dias  
 de sono dos tres Duques via  
 as chagas de seus estandartes  
 escurecidas, & mortaes nos  
 apertos da guerra, & perdas  
 lastimosas, desejava de as ver  
 realçadas na gloriosa resurrei-  
 çãõ, que esperava de V. Mag.  
 & da redençãõ que ainda es-  
 pera, bradava, & suspirava cõ  
 David, com prantos, lagrimas,

& saudades: *Exurge, quare abdor-  
 mis Domine? exurge, & ne repellas  
 in finem. Oblivisceris inopia nostra? &  
 tribulationis nostra? Ah Senhor!*  
 serà possivel esquecerse de  
 nós em tempo de tantas ne-  
 cessidades, & apertos? *Exurge:*  
 Leuante se; porque não he já  
 tempo de dormir. *Exurge,* para  
 nos acudir, & socorrer, fazen-  
 do aparecer em nossos estan-  
 dartes as cinco chagas de nos-  
 so diuino Redemptor com lu-  
 zes de gloriosa redençãõ, &  
 com resplandores de resgate.

35 *Exurg:* Senhor leuante se,  
 para reparar as muitas Chri-  
 tandades que perdemos em  
 Bengala, Ethiopia, & Iapão,  
 & em outras muitas terras, &  
 cidades, que nos tomaraõ os  
 inimigos da Fé, fazendo das  
 Igrejas Mesquitas, & Pagõ-  
 des, & pulpitos de heregias,  
 destruindo os Altares, profa-  
 nando os Calices sagrados, pi-  
 fando as imagẽs diuinas, &  
 conuertendo os retaboles dos  
 Sanctos, & as Cruzes em le-  
 nha para o fogo.

36 *Exurge:* Senhor leuante se,  
 para remit nossas fortalezas,  
 ilhas, & emporeos ganhadas à  
 custa de tanto sangue Portu-  
 gues. Pois perdeu se Ormuz,  
 ilha taõ rica, fortaleza tão fa-  
 mosa, Reyno duas vezes con-  
 quistado, & escala de toda a  
 India, sonda hia a parar o mais  
 rico do ouro, o mais fino da

prata, o mais precioso das perolas, & pedraria, o mais vistoso da seda, o melhor da roupa, o precioso do cravo, a nós, & massa, o mais cheiroso do Sul, & as maiores riquezas do Oriente, com que enriquecião não sô os nossos Reynos de Europa, mas Arabia a feliz, & deserta, a Persia, Armenia, & Turquia, & quasi toda Asia até Constantinopla.

37 *Exurge*: Senhor leuantese; porque nos tem tomado os Belguistas hereges as ilhas de Amboino, & Malucas, ilhas tão viçosas, terras tão ricas, q̄ nos enriquecião com o cravo, que só nellas há, donde tirão infinito lucto, para nos fazerê maior guerra.

38 *Exurge*: Senhor leuantese; porque se dormir o dia todo inteiro, corre risco perderse de todo. Ceilaõ, ilha mui grande de trezentas legoas de circuito, chamada por fermosa, a perola do Sul, tão rica, que tem os mattos de canella, os moues, & as serras de christal, & pedraria, os rios, & os máres minas de perolas, & aljofar, na qual temos perdido muitas fortalezas, Batecalô, Trichlimalê, Beligaõ, Maturé, Galle, Calaturé, & Negúmbo, & corre risco de se perder Columbo cidade principal, & ynica fortaleza que lá temos.

39 *Exurge*: Senhor leuantese;

porque se não reforgir com tempo, perderiehá Malaca, q̄ se acha sem soldados, sem armada, & sem armas, com pouco mantimento, sitiada de inimigos. Malaca chauce do Sul, fronteira da India, fortaleza que faz temer, & tremer todo o Oriente, aonde se perdem os mais esforçados combatentes. Já a cercão os hereges, já bebem as muralhas, já a apertaõ com fome, já a entraõ à escala, já a rendem, já a sujeitaõ, já a senhoresõ. Ay Malaca! Não sallemos nella, porque me quebra o coraçõ de sentimento de a ver perdida á falta de Capitaes, & soldados. Profugamos as saudades da India.

40 Grandes erõ as que têmhaõ das chagas gloriosas de seu diuino Rey: & Redemptor, os dous Discipulos de Emmaus. Tantas, que tendo presente dianre de seus olhos, fallando, & praticando com elle, por não enxergarem em seu sagrado corpo as cinco chagas da redempçãõ, o não conhecião pelo redemptor q̄ esperauãõ, mas descontentes, & desconfiados de esperauãõ já de ver a Israel remido, por serem passados tres dias depois de sua morte: Nos autem

*sperabamus, quia ipse esset redemptor*

*rus Israel: & nunc super hac omnia*

*tertia dies est hodie, quod hac facta sũt.*

*Hiale já pondo o Sol, figura*

*de*

*Perdeose*  
*Malaca*  
*no anno*  
*de 1641.*  
*antes que*  
*chegassem*  
*à Indias*  
*novas da*  
*flice a La*  
*maçãõ de*  
*S. Mage-*  
*stade.*

*Luc. 24*

*no. 21g*

de quem de todo de sconfia, & perde as esperanças. Neste tempo offerecem a Christo hum pão. Aceitao o Senhor, & parteo; & em o aceitãdo, & partindo, logo o conhecem, logo manifesta as chagas immortaes da redençaõ, logo se dà a conhecer por redentor: *Et aperti sunt oculi eorum, & cognouerunt eum.* Valhame Deos, por hum pão, que estes discipulos offerecem a Christo, descobre o Senhor as chagas da redençaõ, & não com as faudades que mostrãõ ter dellas? Porque? Para se manifestar hum Rey encuberto redentor como Christo, não bastão faudades, mas se requerem obras, & offertas de pão. Este pão significaua dous reynos de Christo, o da gloria: *Beatus qui manducabit panem in regno Dei*, & o Sanctissimo Sacramento, de quem diz S. Paulino, & Ghilferio, que he o Reyno, de que Christo he Rey. *Christus idem (diz S. Paulino) & panis, & regnum est, quo nos saginamur.* E Ghilferio explicando as palavras dos Cantares: *Egressimini, & videte filie Sion Regem Salomonem, &c.* diz: *In Eucharistia Sacramento, in eadem carne, quam ex Maria suscepit, Christus ipse, & Rex dicitur, & Salomon appellatur.* E offerendole a hum Rey encuberto, & redentor dous Reynos; ainda que debuxados em hũ pão,

ainda que em figura, & representação, he força que se descubra, & manifeste, mostrando mãos furadas, & peitos rasgados de redentor, & chagas de redençaõ.

41 Fomos pois nós, Senhor, os dous discipulos de Emauz, os Portugueses de Lisboa, & os Portugueses de Goa, os deste Reyno, & os da India. Todos tinhamos faudades das chagas da redençaõ. Os deste Reyno desejaõ ser remidos dos Castelhanos, os da India dos Olandeses, & hũs, & outros desconfiãmos jã dellas porque: *Tertia dies est hodie, quod hec facta sunt.* Cada hum dizias: *Hã tres dias, jã passamos a Castella, hã tres Duques.* O Redentor que esperamos não vê, não apparece. Não veio em tempo do primeiro Duque, não veio no segundo, nem parece neste terecero: o Sol se vai pondo, o tempo de vir vai passando, não ha mais que esperar. E o Redentor estava conosco, com nosco andaua, com nosco praticaua, mas encuberto. *Via nossas faudades, & calaua, não se descubria.* Pois quando se descubrio? quando vimos luzir em nossos estandartes as cinco chagas de nossa redençaõ com reiplandotes de liberdade? Quando? Quando lhe offerecemos hum pão de dous Reynos, Portugal, & o Al-

Luc. 14.  
n. 15.

Paulin.  
epist. 9.

Ghil. in  
Cãt. c. 3.  
vers. 11.  
expof. 2.  
S. id. circo.

o Algarue, quando lhe disse-  
mos: Tomai senhor este pão,  
que vos damos, porque he  
vosso, então logo que o acei-  
tou, & tomou posse d'elle, lo-  
go que o repartio por seus  
vassallos com cargos, & mer-  
cê, logo o conhecemos por  
nosso redentor, & vimos as  
cinco chagas da nossa reden-  
ção gloriosas com armadas no  
mar, & com exercitos na ter-  
ra, com fortes, & fortalezas  
nas fronteiras, & com victo-  
rias nos assaltos, & acometi-  
mentos, não ficando forte, ou  
praça em poder do inimigo  
Castelhano.

42. Ah Senhor! Ah Senhor!  
O pão da India não he tão  
pequeno, não he só de dous  
Reynos, mas de duas Indias;  
porque a que chamamos In-  
dia, comprehende duas Indias:  
*India intra Gangem, & India extra  
Gangem.* Todos os annos offe-  
recem a V. Magestade este  
pão os moradores de Goa cõ  
grandes laudades de ver as  
chagas gloriosas da redenção  
que esperão: *Nos autem speraba-  
mus, quia ipse esset redemptus Israel.*  
Não dizem, que querem ver  
seu redentor, porque não po-  
dem merece tão grande bem,  
de ver a V. Magestade; mas cõ  
o glorioso S. Thomé desejsõ  
sõmente de ver as cinco cha-  
gas da redenção, porem glo-  
riosas com arraias, & arma-

das, para cretem que hão de  
ser remidos dos inimigos O-  
landesês, alli como foi remido  
Portugal dos Castelhanos: *Ni-  
si videro, non credam.* Pois Senhor,  
se para hum pão de dous Rey-  
nos obrou V. Magestade tão  
grande redenção em Portu-  
gal, para hum pão tanto maior  
como de duas Indias, porque  
não obrará o mesmo?

43. O que pão he este, de q̃  
V. Magestades são Senhores  
por conquista, navegação, &  
comercio, para se disporem a  
comello todo, resgatando o  
graõ pedaço, que injustamen-  
te nos comem os Hereges. O  
que pão, que belo, que rico, q̃  
gostol! Desejsõ de o saber?  
Do cabo de Boa esperança pa-  
ra dentro, debrando o pro-  
montorio, passando a linha  
equinocial até o tropico ca-  
pricorneo, & parando na pri-  
meira baliza do Mar Roxo, se  
gosta da testa deste pão. Sofã-  
la, Coãma, Monomotapa, Se-  
na, M. çambique, Quilá,  
Mombaça Melinde, Madaga-  
xó, Prestejoão, cõ tantas ilhas,  
fortaleza, & riquezas de ouro  
finissimo de Maticês, & do  
que chamão Botõgue, gran-  
de cantid de de ambar gris,  
immens de marfim, & finissi-  
mo pao preto, com a grande  
migalha ilha de S. Lourenço,  
adjuvistrada a V. Magest.  
por muitos Reys tributarios.

Luc. 24.

9. 21.



44. Na segunda balisa do afamado estreito de Méca, & Ormus se gošta do bom bocado da Arabia feliz, & da fatia da Persia arrogante com ricas alcatifas de seda, & ouro, que admiraõ, & raras ilhas, & fortalezas deſde o cabo de Roſalgáte, paſſado por Maſcate, caminho de duzentas & cincoenta leguas de estreito ate Biçorá, aonde vem proſtrarte aos pés de Vv. Mageſtades com tributo do Paraifo tereal os rios Tigris, & Euphrates.

45. Na terceira balisa ſe goſta o bocado, poſtoque mais pequeno, mais goſtoſo, que cuſtou muito ſangue em ſeus celebrados cercos, a fortaleza, digo, de Dio, com o viſtoſo de varias obras, & brincos de candido marfim marchetados, & com o meolo proueiſtoſo de finiſſimas roupas, & colchas de Cambaia.

46. Na quarta balisa, na grã-dioſa meça de Goa, aonde leua para Vv. Mageſtades ſeus mais ſabroſos, bocados de todas as partes do Oriente o Norte, & o Sul, ſe goſta o bocado maior da coſta da India, correndo de Damão na encaeda de Cambaia até o cabo de Camorim duzentas & cincoenta leguas de coſta, com tantas terras, fortalezas, & cidades, abundantes de manti-

mentos ( ſe bem paſſaõ a nós por maõs alheas de Mouros, & Gentios, que he a ſoga que na India toda nos tem o inimigo na garganta ) relatarei ſõmente as principaes. Pela parte do Norte Damão, Trapór, Baçaim, Tanã, Caranjã, Bombaim, Bandorã, Chaúl, cõ o tributo da Galiã dos Dacany, diſtricto de Gorobandél, & terras dos Caſſabès. E pela parte do Sul, Honór, Brarçoldr, Mangaldr, Cananór, Cranganór, Cochim, Coulaõ, com as drõgas da Rainha da Pigmenta, & infinitas migalhas ilhas Maldiuas, cuja riqueza de moeda Quary, laurada pela natureza, & preſervantes cocos, & coquiuhos, immento caſto neceſſario às armadas de Vv. Mageſtades em rozaõ de cordoalha, naõ he menos grande, que útil.

47. Na quinta balisa principio dametade deſte laboroſo paõ, nos fica a viſtoſa migalha perola da India ilha Ceilaõ, com as migalhas mais pequenas a ilha de Manár, & Reyno de laſana paraõ, de que Vv. Mageſtades laõ Senhores *iure belli, & hereditario*, com tantas riquezas, que admiraõ, de canella, marfim, chriſtal, ouro, prata, & pedrarias, com muito coral preto, perolas & aljófar, jacinto, opãas, ſafiras, & maſtiſas, & a de muita eſtima, q̄

chamão olhos de gato.

48. Nesta balisa fica a costa de Charamandèl, cuja variedade de roupas finas, & grossas, brancas, & pintadas se poderá relatar por curiosidade, senão por grandeza, com as admiráveis riquezas, que lançam de si na rica, & fertilissima enxada de Bengála a grão cidade de Meliapòr, & Reynos de B. snagà, Golocondà, Gergelim, Bengála, arubinado Pegù, & abengalado Tanasseray.

49. À vista nos ficaõ as migalhas de Nicobár refugio dos mareantes, que por seus arriscados canaes nauegão, suspirando pelo quarto deste fouado, & cheiroso paõ, Malaca, digo, o melhor do Sul, partido em varios, & riquissimos bocados, & migalhas de Reynos, Imperios, & ilhas grandiosas, desde o Reyno de Péra até Iapão, em que ha muito que ver, que cheirar, que gostar, que palpar, & muito que mandar effectuar no espiritual, & temporal. Gozão V. ssas Magestades de ou-  
uir?

fo. Este posto no alto pico da migalha ilha Pulobotum, descobrindo este quarto de paõ fouado, & cheiroso, começando pelo tributario Rey do Reyno de Péra, regado de rios de calaim, metal

cor de prata, de que se faz meeda: o antigo combatente de Quedá com suas migalhas, ilhas, digo, sem conto de pigmentaça afamada Malaca com o Rey Malaio contra ella rebelado, mas com causa (vejaõ lá os que governão) em Iohôr, Pahám, & na migalha de Bin-tão: a majestosa Rainha de Patáne: o Babilonico Siao em riquezas, & ritos gentlicos, affecto a nossa Sancta Fè, pozem com falta de obreiros, Camboja, Cochincina, & o grão China com sua grande, & immensa copia de açucar, seda, almilcar, tutunaga, ouro, aljofar, perolas, rubis, & finissimos diamantes.

51. E voltando para traz, recolhendo deste quarto de paõ tão bello, & tão cheiroso as migalhas, que me cobrião de requissimas, & grandiosas ilhas, nos fica muito que ver: na grandiosissima do grão Samàtra, o sempre traidor a Malaca Rey Achem, & o sempre leal nos mores apertos o Rey de Arracãm, o mercantil Manancãbo, o presunçoso Palembang, o orgulhoso Anderguir, que todos com outros acercão, & poucãõ, gozando do ouro em pó, & produzido em cachos, mais fino que o de Sofala, & Sofya, com grande copia de odoriferos paos de calambuco, aguila,

& cal-

& castão, por outro nome, pao almiscar, & mais abonado beijoim, a melhor tartaruga, mais elpelhada por natureza, as refinadas bazares, & poreo espin, minas de tambaca suaça, a mais perfeita algalia, & grande copia da melhor pigmenta, que antigamente erjeitamos de graça, & hoje abarca, & traz para estas partes com grandissimos proveitos o Belguista herege, que Deos conuerta, & Vv. Magestades enfreem, & dominem com seu poder: Na graõ migalha lâua maior o decantado por Camoës valente Ião, rico de mantimento, sonda não terão os Belguistas sua Veneza, se V. Magestade se vnir com este Rey seu capital inimigo com suas armadas, como está pedindo desdo tempo que governaua na India o Vice-Rey Conde de Linhares, para o que se obriga a sair em campo com cem mil Iãos Philistheos no corpo, & valor: Na maior, & mais redonda migalha ilha Bornco os muitos Reys, com riquissimos diamantes de roça velha, finas pedras bazares, & trascendente canfora: Na Iãua menor o sempre leal, & amigo Sumbanco, poderolo de gente, mantimento, & dinheiro, alma da guerra: Nas notsueis migalhas ilhas Malucas, Am-

beino, Bãda, Solbr, Endé, Seiraõ, Balle, Thindr, com seu odcrifero crauo, nós, massa, sandalo branco, nouas minas de ouro, & grande sitio na de Thinór, para fundar nella hũa noua Malaca, sem temor das aues de rapina, que saem dos canaes, & portos Olandeses: E finalmente no mais remoto do Oriente as vltimas migalhas ilhas Iapaõ, com grandes minas, & copia de prata, para enriquecer os homẽs de bẽs temporaes, & de catanas, languinatas, & faquijazes, para enriquecer de martyres o ceo.

52 Este he, Senhor, o paõ de duas Indias, que offerecem a Vossa Magestade todos os annos os Portugueses de Goxaõ bello, tão laboroso, & tão rico, que com não emmerem delle os Olandeses mais que hum pedaço, que nos tiraraõ com as armas injustamente, com elle sustentão todos os annos tão grande numero de Naos, & Galioes, que sempre passaõ de cento, & chegarão muitas vezes a cento & quarenta para sima, alem de muitas fortalezas, feitorias, & presidios, sobejando lhes ainda muita riqueza, que leuaõ a Olanda. O que gloriosa, & heroica empresa fora, tiralhe das entranhas com gol-

golpes de espada, & pelouros, o que com éráo atégora. Estas são as saudades da India, esta a redenção que espera, elles os desejos.

*Axioma.*

53 Bem vejo correr maior obrigação de acudir á cabeça; porque *Si caput dolet, omnia membra languent*: Se a cabeça deste grão gigante da Monarchia Lusitana adoecer, padecerão todos os membros. Cabeça he Portugal, a que primeiro se deve acudir. Tem o corpo no Algarue; os pés nas conquistas de Africa; os braços no Brasil, & Angola; mas não se pôde negar, que o coração; parte mais mimosa, de quem depende a vida de toda a Monarchia, he a India, por cuja razão pede o lado de seu Senhor: *Et mittam manum meam in latus eius*, que são as terceiras saudades.

54 Duas cousas fez Christo nosso bem depois de resurgir. Hũa mandar hũa embaixada a Pedro, & a todo o Collegio Apostolico de sua resurreição gloriosa: *Dicite discipulis eius, & Petro, &c.* Outra acudir a Thomé perdido, primeiro com o aviso de que resurgira: *Vidimus Dominum*, & logo com lhe mostrar as chagas gloriosas de suas sagradas mãos: *Vide manus meas*. Nem aqui parou Christo pelo desejo grande que tinha de ganhar a Thomé, mas ad-

mitioe em seu amoroso lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*. A Thomé tantos fauores, & a Pedro sòmente hũa enbaixada? Si, porque? Para nullo exemplo. Na gloriola se urteição de hum Rey, como foi a de V. Magestade, para com S. Pedro, para com o Papa, para com a S. Se Apostolica, basta hũa embaixada, como fez. Queira Deos, que em breue a acente, & receba, para bem deste Reyno, como recebeu S. Pedro a de Christo para bem de todo o mundo. Mas para com Thomé, para com a India, não bastaõ, Senhor. carauellas de auiso. He necessario mostrar-lhe as chagas da redenção nos estandartes, gloriosas de araias, & armadas. E nem ainda isto basta. Conuem, para se não perder, admitila a seu lado, te-la no coração com fauores, & mais fauores, com mimos, & mais mimos, ralgando o peito ao amor, porque se acha em estado tão miseravel, que para se não perder de todo, será necessario acudir-lhe com grãde socorro, grandiosas mercês, & com muita brevidade.

55 O que me admira no Evangelho he resurgir Christo com chagas. Em hum corpo glorioso chagas de ignomia! em hum Rey resuscitado chagas de morto! porque? As chagas

*Mat. 16.*

*7.*

*Joan. 20.*

*13.*

gas de Christo são as portas da nossa liberdade. Ordenou Deos, que se abrissem no Caluário, para dar liberdade ao mundo cativo de Lucifer. E portas de liberdade que hũa vez se abrião, nunca mais se deuem fechar. Estiuẽrão abertas na morte de Christo, estejão abertas na resurreiçãõ, & conseruemse gloriosas por toda a eternidade.

56 Duas vezes abriu Christo a S. Thomé as portas da liberdade, hũa quando o remio, outra quando lhe acudiu, para que se não perdesse na cegueira de sua infidelidade:

20. *Vide manus meas, affer manum tuã, & mitte in latus meum:* Que se lhe acudira, fechadolhe as portas da liberdade, a acabarão de perder. Senhor, direi o que entendo, como homem que vem da India neste anno, em que se começou tirar esta pequena liberdade de canella aos mariantes, com que se sustenta toda a India: ordenarã V. Magestade o que for de seu maior Real seruiço. Se ouuer liberdades nas viagens da India, terãõ seus vassallos com que o seruir, mas com esta porta fechada, como se fez neste anno, nem com que o seruir terãõ, nem ainda com que se sustentem, & a Casa da India, & Alfandegas de V. Magestade terãõ menor proueito, porque

a canella serã cada anno menos, como se vio nestas Naos. Os comercios na India, hũs estãõ de todo acabados, & outros para se acabarem, & tãõ atenuados, que se não tira delles lucro de consideraçãõ. Não tem hoje os vassallos de V. Magestade na India outra cousa mais, que hum pouco de ouro que lhes vem de Moçambique, que he muito pouco, & esta pequena liberdade de canella com que respirãõ, bem limitada, por possuirem a maior, & melhor parte della os Olandeses: com esta se elãtãõ até Deos o melhorar. Por falta della os marinheiros vierãõ tãõ pobres, que me lastimou ver na Capitãna S. Loureço, em que vim, saltar a quasi todos gẽralmente a matalotagem até o biscouto, de que resultou adoecerem quasi todos, & acabarem muitos a vida; porque posto que se lhe acudisse com charidade, não podia ser com tanta largueza, quanta pedia a necessidade, porque ninguem tinha de sobejo. O que homem, que escalfadamente leuaria para sua casa mil reis de interesse, por deuerjã o que receberã na casa da India, pelo muito que se en-diuidarãõ, para se remediar na visgem, hauendo seruido a V. Magestade em hũa nauegaçãõ de dez mil legoas de mar

para

para cima de ida, & volta, passando a linha equinocial quatro vezes, & oito, ou sete ao menos os tropicos artico, & antartico, lutando com os ventos, & com os mares, expostos ao Sol, & à chuva, fojeitos a outras muitas misérias, em particular ao pestilencial mal de Loanda, tão contagioso, & pegadiço aos que na viagem tem mal, & pouco que comer.

57 Não se conservaõ os estados com rasgarem os Reys as capas dos vassallos, mas antes assi se perdem. Conservaõse quando para lhas deixarem inteiras, rasgaõ os Reys a propria. Vemolo em Christo, & Thomé. A capa de Christo, diz o veneravel Drogo he sua propria carne: *Pallium tuum est caro tua*: & para o Senhor ganhar a Thomé, para não perder o que tanto desejava que fosse sempre seu, a rasgou duas vezes, na morte, & na resurreiçãõ, na morte fazendoa pedaços para o remir, rompendoa em muitas partes com chagas, & feridas que soffeo, & na resurreiçãõ, quando lhe disse: *Affer manum tuam, & mitte in lacus meum*. Este he o modo de ganhar a India, este he o meio de a restaurar.

*Drogo de Sacram. Domin. Passion.*

*Joan. 20. p. 27.*

*Ibidem:*

58 Rematou Christo com Thomé: *Noli esse incredulus, sed fidelis*: Não sejas Thomé incre-

dulo, mas fiel. A isto se ordenáraõ tantos favores, tantas portas abertas à liberdade, as chagas gloriosas que lhe mostros, as mãos furadas a liberalidade, o peito rasgado ao amor, o admitilo a teu lado: *Affer manum tuam, & mitte in lacus meum*, foi para que tiuesse fe: *Noli esse incredulus, sed fidelis*. Quizera agora começar a pregar, para gastar neste ponto toda a hora. Mas não quero passar do limite ordinatio com demasia, tem embargo de me aduertirem, ser elle Sermaõ de S. Thomé privilegiado no tempo, a arbitrio dos Prégadores.

59 O fim, Senhor, que tiueirão os Reys de Portugal aubs de V. Magestade no descobrimento, & conquista da India, as muitas mercês que lhe fizeram, os grandes privilegios que lhe alcançaraõ dos Summos Pontifices Romanos, todos se ordenaraõ a que tiuesse fé: *Noli esse incredulus, sed fidelis*. Em quanto a fê foi em augmento, a India foi India, floreceo cõ arraiacs, com armadas, com victorias, com riquezas, & cõ tudo o mais que podiamos desejar. Descuidouse deste augmento, não se tratou delle como o feroz, & zelo dos antigos Portuguezes, foi logo em declinaçãõ, até chegar ao lastimoso estado q choramos.

Antigamente eraõ muitas as Christandades que se fazião: Hoje são muitas as que se perdem. A causa he sabida, & pouco remediada. Antes enchião se as Igrejas de conuertidos á Fé, hoje os papeis.

61 Antigamente se deixauão os contratos pelas conuerfoes; hoje deixaõ se as conuerfoes pelos contratos.

62 Antigamente eraõ rãtos os mimos, & fauores que se fazião aos conuertidos a nossa sancta Fé Catholica, que sollicitaua os animos dos que se não conuertião: Hoje he tanto pelo contrario, que os conuertidos se peruertem. Chegamos a tal estado, que mais auctoriza a hum Christão vestitouse, & cabais, como os Gêtios, como muitos trazem por essa causa, que vestindo ao trajo de Christãos.

63 Antigamente se tratava da conuerião dos Infieis com tão grande charidade, & amor que a todo ministro do Evangelho chamauão pay: Hoje em muitas terras, & cidades de Vv. Magestades se faz por vezes com tanto rigor, que mais parecê ministros de justiça; pois entraõ pelas casas dos Gentios com violencia, & estroado, para prenderem seus filhos orfãos, a quem leuão à força com muitas lagrimas, & gritos delles, & de seus

parentes á casa dos Carbecu-  
menos para os instruirem na Fé, podêdo se hauer o mesmo intento por outro melhor modo, sem violencia, & sem lastimas, como algũs fazem, de que nace retrocederem muitos depois de bautizados, & fugitem para a Gentilidade, & Mourama, aonde seguem, & guardaõ a falsa ley de seus pays.

64 Antigamente fazia se cõ os Christãos, para se conseruarem na Fé o que fez Christo com S. Thomè: Mostrãolhes as mãos abertas à liberdade, ao fauor, à esmolla. Não he hoje isto tanto assi. Trocãose muitas vezes as mãos abertas. Acontecem casos que não são para este lugar. Relatalos hei a Vv. Magestades em particular, quando sejaõ seruidos de os saber, para os remediamem.

65 Antigamente não se fazia differença no espirital de homem branco a preto, de liure a escravo, de Christão velho a rezem bautizado: *Non erat distinctio iudai, & Graeci: nam idem Dominus omnium:* Que para com Deos muitos brancos tem a alma muito preta, & muitos pretos tẽ a alma muito branca: muitos liures são os maiores escravos do Demonio, muitos escravos são os mais queridos filhos de Iesu

D

Christo:

Ad Rom.  
10. n. 12

Christo: muitos Christãos velhos, são muy-nouos, & muitos nouos são muy-velhos; o interior só Deus o sabe. Procurauão os zelosos antigos com muito cuidado: instruir a todos na Fé, & administrar a todos igualmente os Sacramentos. Hoje Senhores (não o posso dizer sem lagrimas) na gente humilde a ignorancia he muita, a instrucção pouca, a administração dos sanctos Sacramentos não he para todos igualmente, & o remedio difficilissimo, por ser a maior parte das freguezias, posto que sujeitas ao Ordinário, de Parochos ínteros. Não faltão com tudo zelosos, que cumprem com sua obrigação. Em certa Aldea na ilha de Goa neste anno proximo passado de 1647. succedeo a outro Parocho menos cuidadoso de sua obrigação hum muito zeloso della. O primeiro por se não cançar, não administrava o Sacramento da extrema Unção, senão às pessoas principaes da Aldea. O successor como bom pastor, quiz administralo a todos gèralmente. Notificoulhes a obrigação que tinhão de o pedir no perigo da morte. Alhorrouse a Aldea contra o nouo Parocho, queixandose que lhe impunha nouos preceitos, de que seus predecessores não

trataraõ.

66. Eque será se differ, que morrem muitos milhares de Christãos sem receberem a sagrada Communhão nunca na vida, nem na morte? Isto he gèral em todas as freguezias da India, assi de Parochos regulares, como seculares. Não cõmugão em dia feril, não cõmugão em dia Sancto, não em Domingo, não em algũa das principaes festas do anno, não no tempo de algum Jubileo por gèral que seja, né na Paschoa, como manda a S. Madre Igreja, nem ainda na hora da morte, nunca finalmente, dizêdo Christo Senhor nosso: *Nisi manducaueritis carnem filij hominis, & biberitis eius sanguinem, non habebitis vitam in vobis.* Ioann. 6. n 54.

67. Quando lá cheguei cõmungauão muito poucos gèralmente em todas as freguezias; quando muitos a quarta, ou quinta parte dos Christãos, & em muitas muito menos (não fallo da gente branca, filhos, & netos dos Portuguezes, mas dos naturaes, a que chamamos vulgarmente Indios Orientaes) vi freguezias de duas, & de tres mil almas, aonde não chegauão a cento os que cõmungauão. A maior raz. õ dos Parochos presentes, que assi o fizeraõ os passados: a maior desculpa, q̄ seus freguezes são rudes, incapazes da



da sagrada cõmunhão; sendo que muitos milhares dos que não cõmunhão são Bramanes, & Charaddos, por commum parecer dos mesmos Parochos mais agudos que os nossos Europeos; tão agudos, & expertos, que lhe chamaõ aguias do entendimento. Afamado he o nome dos Canarins por agudos; Muitos delles quasi se conto nunca cõmungarão; & outros a quem chamaõ Casta baixa, se os não quizerẽ Theologos, para receber o Senhor, hũs são muito capazes, & outros muito dispostos para o ferem, se se instrãrem. Haverã quem não possa saber, se lho ensinarem, que a Hostia consagrada não he pão, mas o corpo de Christo Senhor nosso, & que o ha de receber em jejum, & em graça? Ah Deus meu, quantos ignorantes, quantos rudes, & quantos bofiaes são mais dignos de vos receber, que eu peccador.

68. E se disser, que destes a que dão a sagrada cõmunhão na Paschoa por capazes, lha negão na hora da morte! Achei a India em estado, que dos poucos que cõmungauão, quasi todos morrião sem o sanctissimo Viatico. Hã freguezias donde nunca sahio o Senhor aos enfermos. Em hũa bem grande, que eu frequentaui, no discurso de tres an-

nos não sahio mais que hũa sò vez por grande merce que fez o Parocho a hum enfermo, cõ adoeccerem, & morrerem muitos; tantos, que quasi não passa dia em que não morra alguẽ.

69. Tem muitos Parochos por grande indecencia levar o Sanctissimo Sacramento aos enfermos às logeas, & casas humildes, em que viuem quasi todos os naturaes da India, como se Christo viera ao mundo buscar os Palacios dos Grandes: Hum Deos, que por amor dos homẽs naceo no Presepio, & morreo no Calvario. Mas não dão a razão, porque o não leuão às casas dos Grandes, para nellas commungarem os pequenos, assi liures, como escravos, que seruem a seus senhores.

70. Algũs assi homẽs, como molheres, leuados do des. j. de assegurar sua saluação, para não morrerem sem o Sanctissimo Viatico, vão meios elpirando com risco da vida recebelo à Igreja, aonde vi administrarlhe juntamente a Sancta Unção. Não he maravilha que haja isto aonde hã quem procura as Igrejas por cõmodidade; & de lugares mais authorizados passão algũs a ser Parochos, para maior descanso.

71. Deixo o grande numero de freguezias, mórmente de Regulares, que nem o Senhor tẽ.

Con. Trid.  
 sess. 13.  
 de Eucha.  
 cap. 6.  
 Card. in-  
 terpret. ibi.

Muitas mais sem comparação  
 são as Igrejas Parochiaes nas  
 terras, & cidades de Vv. Ma-  
 gestades, que não tem o San-  
 ctissimo Sacramento, que as  
 que o tem, sendo que manda  
 o Concilio Tridentino, que  
 todas o tenhaõ, para commu-  
 ngarem os enfermos, em tanto  
 que a sagrada Congregação  
 dos Cardeaes interpretes do  
 mesmo Concilio, diz, que não  
 desculpa o costume em con-  
 trario, nê a pobreza da Igreja,  
 nem o perigo de sacrilegio, se  
 não; for tão evidente, que por  
 muito que o Senhor se guarde,  
 & vigie, cõ tudo tenha risco:  
*Nec consuetudo excusat contraria, nec  
 paupertas Ecclesie, nisi forte subeat pe-  
 riculum à manu sacrilega, contra  
 quod periculum satis cautum esse non  
 possit per quamvis diligentem custodiã.*  
 Que risco corre o Sanctissimo  
 Sacramento nas terras, & ci-  
 dades de Christãos, sujeitas a  
 Vv. Magestades, se estiuer bẽ  
 guardado? Que causa ha para  
 os Parochos Religiosos o não  
 estê, para oleuar aos enfermos,  
 72: O quem me dera apren-  
 derem todos dos de Portugal  
 na admioistração dos Sanctos  
 Sacramentos. O quem me de-  
 ra, que viraõ com seus olhos,  
 para o imitarem, sair o Senhor  
 nesta Cidade de todas as fre-  
 guesias a todas as horas, de  
 noite, & de dia a momentos,  
 cõ agoa, & Sol, para as logeas,

& tendas de gente mecnica,  
 & popular, & casas mui limi-  
 tadas, & humildes de tantos  
 pobres, para cõmungarem os  
 enfermos, ou por sua deusação,  
 ou por vistico, quer brancos,  
 quer pretos, cõ a mesma cha-  
 ridade, & acompanhamento,  
 com que fae para os Palacios  
 dos Grandes. O quem me cõ-  
 cedera, verem a seus mesmos  
 negros Cafres, & Malaures,  
 que trazem todos os annos da  
 India a esta Cidade as Naos  
 de Vv. Magestades. Quem me  
 concedera, digo, verem a estes  
 mesmos negros, a quem negaõ  
 de todo para sempre a sagra-  
 da Cõmunhaõ por gente bai-  
 xa, & boçal, com mungarem  
 todos infallivelmente nesta  
 Cidade na Palchoa, & no pe-  
 rigo da morte, sem se excluir a  
 nenhum, instruidos por seus  
 amos, & senhores; & se não  
 cõmungarem, os obrigaõ cõ a  
 excõmunhaõ. Como assi! Ne-  
 sta Cidade Real entra o Se-  
 nhor nas casas humildes igual-  
 mente como nas grandes, para  
 cõmungarem os pequenos por  
 sua deusação, ou por vistico; &  
 na India repugnão os Paro-  
 chos com capa, & com pre-  
 texto de indecencia! Nesta  
 Corte tão entendida, são jul-  
 gados por dignos, & capazes  
 os mesmos, que a India exclue  
 por incapazes, & indignos! Os  
 mesmos Cafres, os mesmos

Mala-

Malsuaves se estinere em Goa, não podem cômungar nem na vida, nem na morte; & transplantados com as Naos da India a Lisboa cômungão todos? Ah Deus meu (torna a dizer o que já disse) Ah Deus meu! Quantos rudes, & boçaes são mais dignos de vos receber, q̄ nôs, mais capazes, que muitos sabios, & entendidos! Quãtos destes se saluão, quãtos de nós se perdem: *Frequenter contingit* (diz Lirano por sentença de S. Agostinho) *quod simplices, & ignari saluantur, & hominis astuti, & literati damnantur.* Vnde Augustinus de Paulo simplice dixit: *Simplices, & illiterati rapiunt celum; & nos cum literis trahimur ad infernum.*

73 O que glorioso empenho fora procurar o remedio a tantas almas. Hum sò pobre estrangeiro, que se mandou vir da India este anno, o procurou, o solicitou, o effectiuou, fauorecido do maior Prelado della na dignidade, zelo, virtude, & letras, Dom Frey Francisco dos Martyres Arcebispo de Goa, Primaz da India, da Seraphica Religião, este indigno subdito de Vv. Magestades. Para isso são os Missionarios estrangeiros na India, & para isso mesmo succede procurarem lançalos com capa de zelo do seruiço de Vv. Magestades. Eidei, trabalhei com toda a India, sendo o menor de to-

dos, seguindo o conselho de São Paulo: *Pradica verbum, in qua oportune, importune, argue, obsecra, increpa in omni patientia, & doctrina,* com disputas, com praticas publicas, & particulares, & com muitos Sermeões, correndo as freguesias que pude, & em'especial com hum, que preguei na Sè Primacial de Goa em dia de *Corpus Christi* do anno de mil seiscentos quarenta & cinco, que o Arcebispo Primaz da India mandou imprimir a este Reyno, para doutrina dos seus Parochos; & aonde não pude chegar com a palestra, o fazia por meio de cartas, & arrezoados, escreuendo a Moçambique, Mascate, Dio, & as principaes cidades do Norte, & Sul, ao Arcebispo de Cranganor, Bispo de Cochim, & aos Governadores dos Bispados de Meliapôr, & Macao, de que relultou pôr-se o Santissimo Sacramento em algũas Igrejas das que o não tinhaõ, & disporemse outras para o terem, originarse dar a todos geralmente a sagrada Communhão na Patchoa, tendo os annos de disenição, & o Viatico em perigo de morte, com tão grande feruor, que fômente na Cidade, & ilhas de Goa, bem pequenas, & nas terras adjacentes, Salsete, & Bardes, em termo de dous annos,

*Ad Titimoth. 4.º num. 2.º*

*Lirano in Luc. c. 16 in expos. moral. n. 22.*

pouco mais, cõmungarão perto de cem mil pessoas, que nunca tinhaõ recebido taõ alto Sacramento, com muitas conuerções de Idolatras, que só no exterior erãõ Chriããos, & de muitos pecadores, como relatão as certidões juradas, & as cartas, que apresentei a V. Magestade do Primaz da India, Patriarcha de Ethiopia, Arcebispo de Mira, Prelados das Religioes, Parochas da Cidade, & ilha de Goa, Fidalguia, & Povõ.

74 Não pudera leuar adiante taõ gloriosa empreza sem o braço do Primaz, o qual à minha instancia, com duas prouisões dignas de seu espirito, mandou com preceito de obediencia executar em seu districto a doutrina que nesta materia préguei; & he digno de que V. Magestade lho mude agradecer, como grande seruiço, que entre outros muitos, tem feito a Deos, & a esta Coroa, encõmendandolhe os progressos della, porque ainda falta muito que remediar, especialmente nas Diocefes, & Bispados, que de presente não tem Prelados.

75 Esta mesma falta, & pecado hà em todas as mais conquistas de V. Magestades fora da India. As muitas pouações de pretos Chriããos baptizados, vassallos de V. Ma-

gestades nos estados de Angola, Brasil, & Caboverde, & nas conquistas de Africa, nunca em nenhum tempo cõungarão, nã ainda na hora da morte recebem o Sãtissimo Viatico, o que pode remediar V. Magestades mandando como tãõ Catholicos, que se guardem nellas as prouisões, que tem mandado publicar em seu Arcebispado o Primaz da India, para que cõmunguem suas ouelhas.

76 O que eu direi para facilitar a empreza, & confundir o diabo, que ainda nesta Corte, & Cidade procura com suas filladas desfazer tãõ grã de bem aos Chriããos da India, & impedilo aos das mais conquistas, que he tanta a obrigação de cõmungarem na Paschoa os que tem annos de discricião de qualquer casta, & condiçãõ que sejam, que negala he heregia. O Canone he expresso no Concilio Tridentino: *Siquis negauerit, omnes, & singulas Christi fideles vtriusque sexus, cum ad annos discretionis peruenerint, teneri singulis annis, saltem in Paschate, ad communicandum, iuxta preceptum Sancte matris Ecclesie, anathema sit.* Este Canone tirou na India em meu favor aos Inquisidores, & a muitos de seu erro, & costume. E nelle se deue aduertir, que a obrigação de cõmungar começa

Concil.  
Trid. sess.  
13. can. 9.

estão com os annos de discricião, & precia de da capacidade, ou incapacidade delles, como antecedente, a q se segue, como consequente a obrigação de se fazerem capazes da sagrada communhão. Estão obrigados a se fazerem capazes, *à priori*, porque estão obrigados a cômungar: & estão obrigados a cômungar, *à priori*, porque tem os annos de discricião. Porque não diz o Canone, que estão obrigados a cômungar: somente os capazes, ou como forem capazes, mas todos como tiuerem os annos da discricião, ou se jaão capazes, ou incapazes, podendo se fazer capazes: *Cum ad annos discretionis peruenierint, & o contrario he heresia: Siquis negauerit, &c. anathema sit.* De sorte que por terem annos de discricião estão os Chriístãos obrigados a cômungar: & por estarem obrigados a cômungar, seguese estarem obrigados a se fazerem capazes da sagrada cômunhão, & a se disporem para a receber.

77. Mais incapaz da Eucharistia he o peccador, que o ignorante; porque ninguém he mais ignorante que as crianças; com tudo as que forem baptizadas, são capazes da sagrada cômunhão; & tanto, que dizem os Theologos, que quando antigamente cômun-

guaão, recebião augmento de graça. Pelo contrario he tão incapaz o peccador, que se cômungar diz S. Paulo: *Iudicium sibi manducat, & bibit;* nem por isto está desobrigado do preceito, tendo os annos de discricião; mas está obrigado a cômungar na Paschoa: & por estar obrigado a cômungar, está obrigado a deixar o peccado. Estão pois os negros de Angola, os pretos do Brasil, os Chriístãos naturaes das conquistas de Vv. Magestades obrigados a cômungar tendo os annos de discricião, & o contrario he heresia, porque não cômungão os capazes; porque se não instruem os incapazes, para que o não se jaão, & assi cômunguem todos?

78. Consultado o Sãcto Padre Innocencio X. que ora preside na Igreja Catholica, sobre as Chriístãdades da China, por haer nellas a mesma falta, se estão obrigados a cômungar ao menos hũa vez no anno, na Paschoa, por serem nouamente baptizados, & tẽros na Fé, com outras duuidas de não menor consideração, respondeo que si, com estas palavras largas, mas necessarias, no livro intitulado: *Quæst. Innoc. X. in Missionariorum Chinae*, no numero primeiro, impresso em Roma no anno de 1645, em q comeei a tratar na india de que:

I. ad Cor.  
rimb. II.  
n. 29.

Innoc. X.



que cômungassem todos os  
 Christãos: *Censuerunt etiam* (a  
 saber os Qualificadores do S.  
 Officio de Roma, a quem Sua  
 Sanctidade remeteo as doudi-  
 das) *censuerunt etiam, praefatos Chi-  
 nenses obligari ad Sacramentalem  
 confessionem semel in anno; Et Mis-  
 sionarios huiusmodi obligationem de-  
 bere eis notificare. Idem profus cen-  
 suerunt quoad Sacram. Communionem  
 semel in anno sumendam. Quo vero  
 ad executionem tempore fiaturo, hoc  
 est, in Paschate, id esse intelligendum,  
 nisi legitimum ad sit impedimentum,  
 aut graue periculum imminereat. Cu-  
 randum tamen, vt infra duos. vel  
 tres menses ante, vel post, Paschati  
 proximis, quatenus sine discrimine fie-  
 ri possit, sint minus alio quouis tempore  
 infra decursum vnius anni à Paschate  
 inchoandi, comminno communicent.*

**Notem as palauras:** *Infra decur-  
 sum vnius anni omnino communicent.*  
 E no cabo manda a todos os  
 Religiosos Missionarios mi-  
 nistros daquella Christandade  
 com excõmunhaõ *lata sententia*,  
 referuada à Sancta Sé  
 Apostolica, que executem o q̃  
 no dito liuro se contem. Veja  
 o que falla quem não sente  
 bem de cômungarem todos.

79 Ainda há, Senhores, que  
 dizer do que antigamête pas-  
 saua na India, que hoje não  
 hà, & do que hoje hà, que an-  
 ticamente não hauiã, para V.  
 Magestades o remediarem.  
 Antigamente eraõ muitos os

ministros do Euãgelho.  
 os annos passauão à India Re-  
 ligiosos de todas as sagradas  
 Religioes, que lá estão: Hoje  
 são muito poucos, tão poucos  
 que não chegaõ a cêro os que  
 assistem nas terras dos Mou-  
 tos, & Gentios para a conuer-  
 saõ dos infieis, hauendo de  
 sobejo nas terras de V. Ma-  
 gestades. Disse cento por ma-  
 ior, que pela conta que lancei,  
 podera dizer cõ verdade mu-  
 ito menos. Há muitos Reynos  
 em que nunca entrou Sacer-  
 dote à prégar a Fè, nem se sa-  
 be nelles o nome de Christão.  
 So Antigamente o feruor  
 em todos era grande, porque  
 todos procurauão passar às  
 terras dos infieis para propa-  
 gar o Sauçissimo nome de Ie-  
 su. Hoje este feruor achase em  
 poucos. Em tempo de Castella,  
 o Rey de Macassar na Iauã  
 menor, lendo gentio, mãdou a  
 Maláca pedir Religiosos para  
 se fazer Christão com todos  
 os vassallos de seu Reyno. Des-  
 cuidaraõ se tão em lhe acudir,  
 que quando já foraõ, acharaõ  
 a todos feitos Mouros, porque  
 chegou primeiro hum minist-  
 tro do inferno, que lhe prégoou  
 a falsa ley de Mahomet, na  
 qual obstinadamente perseue-  
 raõ. Isto entãõ. Agora depois  
 da feliz aclamaçaõ de V.  
 Magestade pediu tambem o  
 Rey de Pegu Religiosos para  
 feces

seus Reynos com certa liuitação, por diligencias que fizeram João de Sylua Tello Conde de Auizras, Viso-Rey da India, o Primaz, & os Inquisidores, não foi da Cidade de Goa, pouxada de muitos, mais que hum só da sagrada & Seraphica Religião, natural desta Cidade, filho da Parochia Real de S. Gião.

81 Antigamente não hania portas fechadas para estrangeiros ministros do Euangelho, mas abertas nos peitos dos Reis Portuguezes, q̄ os procurauão de diuersas nações, para irem à India a prégar a Fé: *Noli esse incredulus*. Hoje mãdãose vir os que là estão, sendo a India tão larga, que não bastaõ todos os Sacerdotes deste Reyno para assistir hum sòmente em cada Provincia. Chamo Prouincia a certa parte do Reyno, como cá as Comarcas, & Bispados. Chamo India menos propriamente do Cabo de boa esperança até o Iapão. Vejaõ os mappas, leão as historias, recorraõ as relações, enformemse dos que o viraõ, que se quizerem dizer verdade, mais dirãõ que eu digo, porque digo o menos do q̄ he, assi neste, como nos mais particulares.

82 E q̄ será, se differ (o q̄ Vv. Magestades não deuem saber) que podẽ liurementemente viuer na

India nas terras, & Cidades de Vv. Mag. todo o genero de estrangeiros, soldados, & mercadores, Catholicos, & Heresjes, vassallos, & não vassallos de Castella. Là entraõ os Olandeses, là agasalhão os Ingrefes, là morão os Dinamarcs, là assistem os Franceses, là cõtratãõ os Italianos, não faltãõ tambem Castelhanos, que en vi naturaes de Madrid, & todos liuremẽte entraõ, & saem como querem, de noite, & de dia, com todo genero de armas, & o que he mais de reparar, que muitos tomãõ as plantas das Cidades, os sitios das fortalezas, a altura dos muros, o fundo da barra, considerando o modo de se poderem cometer, & cercar em occasiõ de guerra, sem se poderem enitar pela conueniencia das treçoas, & das pazes que conosco tem, & pelas muitas fortalezas, & feitorias que na India possuem.

83 Ainda direi mais. Se en, a quem se mandou vir por estrangeiro, me disfarçara, vestindo como soldado, ou mercador, com hũa gadelha sobre os hombros, espada na cinta, & adaga, & com muitas armas em casa, fingindo o que não sou na profissãõ, mostrando o que sou quanto á patria, dizendo ser estrangeiro Neapolitano, poderei liurementemente,

E & sem

& sem contradicão viuer na India, & contratar nas terras de Vv. Magestades, comprando, & vendendo, como eu quizer, & me farão muitos mimos, & honras os Portuguezes; porem hade estar oculto o Breuiario, e scõdido o Missal, & o Caliz fechado aonde se não veja; que se o virem, se foubarem que sou Religioso, se entenderem que professo este habito sagrado, fardamehão o que fizeraõ, mandarmehão fahir logo da India. Pois como assi? Podem viuer na India os estrangeiros soldados, & não podem assistir nella os estrangeiros Sacerdotes? Podem liuremente viuer nas terras de Vv. Magestades os mercadores com contratos de fazendas, & não podẽ estar os Missionarios, que trataõ sã das almas? Os herejes inimigos da Fè, & não os Religiosos ministros da Fè? Os homẽs do mundo armados de ferro, & isso, amigos por conueniẽcia, & inimigos no animo, & não os seruos de Deos armados de zelo, & desejo de dâr a vida pela propagação do nome de Iesu, amigos por verdadeira charidade? Disfarçados sy, & em seu habito sagrado não?

34 E o que he mais para lastimar, que quanto mais se fechão as portas da India aos estrangeiros ministros do Euan-

gelho, tanto mais as abre o demonio aos estrangeiros ministros das heregias. Fechouas Castella em seu tempo com grandes apertos, no mesmo tempo passaraõ à India os Olandeses. Apertou mais, & dahã a poucos annos foraõ os Ingrefes. Apertou mais cõ nouas ordẽs, & foraõ os de Dinamarca. Cõtinuou com novos, & mais apertos, & forãos os Franceses; & se mais apertaraõ, creio que passara à India o mundo todo; porque como Deos a deu aos Reys Portuguezes progenitores de Vossa Magestade para aumento da Fè Catholica, fechandose as portas aos estrangeiros ministros della, permite Deos que estejaõ abertas aos estrangeiros ministros das heregias.

85 Não he a India, Senhores, o que a antes era, quando de Europa nauegavaõ seus mãres sõmente os estandartes Portuguezes, para poderem fechar suas portas aos Missionarios estrangeiros, como querem. Nauegãõ com mais de duzentas vellas de Naos, & Galioẽs todos de guerra, & todos mercantis, muito ricos, & muito bem armados quatro estandartes estrangeiros, com os quaes podem correr toda a India, se quizerem, Olandeses, Ingrefes, Franceses, & de Dinamarca; & querem algũs,



alguns, que começãõ nauegar por ella este anno tambem os Genoueses. Para estes quizera eu ver as portas fechadas, & os caminhos impedidos, & não para os Missionarios, dos quaes, posto que estrangeiros, não teue nunca d'elles a India desde que lá passaraõ o minimo escádalo, antes muita edificação, muitos Martyres, grãde augmento da Fé, & muitas obras de grande charidade. Tambem affirmarei, que não he a India a que procura sua expulsão, não o Viso-Rey, não o Primaz, menos o Concelho de Estado, nem a Camera, não a Fidalguia, não o Povo, que todos estes bradão, & se queixão; porque com o absoluto destas ordẽs ficão em casa os estrangeiros inimigos, & poderosos, & se expulsão os amigos, Religiosos mui cõtinuos no letuiço de Deos, & de Vv. Magestades, mui grandes reformadores de seus Cõuentos, mui exemplares na vida, & mui diligentes obreiros da vinha do Senhor. E nem estes saem da India, senão que rem, mas mudãõ se de hum lugar para outro muito perto cõ pouco seruiço de Vv. Magestades, porque seruido primeiro a esta Coroa, vão seruir a outra debaixo de outro patrocínio, retirandose às terras dos Mouros, & Gentios, &

muitas vezes tão visinhos às de Vv. Magestades, como fica Almada de Lisboa, diuididos hum rio muito estreito. Não he pois a India, não os ministros della os que procurão que se vão. Pois quem são? Os particulares, por seus particulares respeitoes com capa de zelo de bem commum. Não se pôde dizer tudo do pulpito. Dilobei, Senhor, a V. Magestade quando ouuer lugar. Lea entretanto as certidões, & cartas que lhe presentei da Camera de Goa, da Fidalguia, do Povo, com as mais que lhe escreuerãõ pelas vias de V. Magestade o Viso-Rey da India, & o Primaz. E já q' fallo nesta materia, seja seruido V. Magestade de me ouuir, pois importa a seu Real seruiço. Este particular dos Missionarios estrangeiros, que estiuerem na India, não se ouuera de tratar em Portugal, aonde não são conhecidos, mas lá, remetendoos ao Viso Rey, & seu Concelho de Estado, que lá tem, que como presentes sabem o que mais conuem ao real seruiço de V. Magestade, para os Religiosos estrangeiros, que seruem como naturaes, serem amados, & favorecidos, & não lançados fora daquelle Estado; pois nem a hum soldado seruido bem, se lança por estrangeiro, quanto

mais hum Sacerdote? Que se assi se tiuera ordenado, não socedéraõ em Goa os escandalos, que todos choramos; des de o anno de 40. até o presête, socedidos em hũ Conuêto de Religiosos, mòrmête no anno de 45. cõ morte de hũ delles, por falta de seus legitimos pre lados muito virtuosos, a quẽ se mãdaraõ sair por estrãgeiros. 86 Hã, ou pôde hauer peor estrangeiro que o Diabo? Parece q̃ não. Com tud o se viera a este Reyno mandado por Deos pedir passajẽ para a India com zelo do augmento da Fè Catholica, & hem espiri tual daquellas almas, lhe mandem Vv. Magestades dár em suas Naos o melhor lugar, & o melhor camarote, por que serã o Anjo castodio da India, Rimse? Mostra lohei na sagrada Escripura. Grande pratica teue Deos cõ o Diabo sobre Iob. Louuauo Deos de virtuoso seruo seu, & o maior sancto de seu tempo: *Numquid considerasti seruum meum Iob, quod non sit ei similis in terra, homo simplex, & rectus, ac timens Deum, & recedens à malo?* Pelo contrario o Diabo mostraua, que não era seu espirito para desle se fazer muita estima çãõ, porque não o experimen tãra Deos na paciencia, antes o tratãra sempre com muitos rĩmos, & enriquecẽra de bẽs

tẽporaes; & espirito que se sã da na base de temporalidades, & de fauores da terra, não pôde ser grande, nem duravel, com qualquer aduersidade, ou cousa contraria se perde: *Nonne tu vallaisti eum, ac domum eius, vni uersamque substantiam per circuitum? Sed extende paululum manum tuã, ac tange cuncta que possidet, nisi in faciem benedixeris tibi.* E passãraõ tanto adiante com a practica, que persistindo o Diabo em sua opiniaõ, de que o espirito de Iob necessitava de proua, lhe disse Deos: *Ecce in manu tua est, verumtamen animam illius serua:* Eu to entrego nas mãos, tira lhe tudo o que tem, exercitaõ na paciencia a teu aluedrio, faze experiencia de seu espiri to; porem guarda sua alma: *Animam illius serua.* Senhor, que resoluçãõ he esta? Encomen dajs a alma de Iob ao Diabo, para que tenha cuidado della? Nũc tal Anjo cõ a minha. Entregãia a S. Miguel das Almas, ou ao Anjo de Tobias, ou a qualquer outro do Ceo. Mas a Lucifer? ao Diabo? Que cuidaõ hade ter da alma de Iob, senãõ for de a guiar, & enca minhar ao inferno? Que espi rito lhe pôde influir, senãõ o seu mau, & diabolico? Respõ de S. Ambrosio: Não tenhaõ medo; porque suposto que o Diabo como inimigo nos procura todo o mal, como

*Ibidem*  
n. 10.

*Iob 2.*  
n. 6.

*Iob 1.*  
n. 8.

*seruo.*

feruõ de Deos fará officio de Anjo de guarda. Porque tem Deos taõ grande poder, que mandandolhe, que tenha cuidado da alma de Job, para que seja mais sancta, com o exercitar na paciencia, o fará taõ pontualmente, como se fora Anjo de sua guarda: *Nam etsi dederit* (Diz o Sancto Doutor) *tentandi tui Dominus potestatem, mandat tamen Diabolo, vt animam tuam ipse custodiat, secundum quod scriptum est: Vt destruas inimicum, & defensorem. Tentat enim vt aduersarius, defendit vt seruus.* Duas coulas tem o Diabo, diz Sancto Ambrosio, explicando as palauras do Propheta Rey: *Vt destruas inimicum, & defensorem,* he tentador, & defensor. Como tentador nos procura todo o mal, como defensor nos procura todo o bem: *Vt destruas inimicum, & defensorem:* Como inimigo nos tenta, como seruo de Deos nos defende: *Tentat vt aduersarius, defendit vt seruus:* Como espirito mau guarnoshã ao inferno, como ministro de Deos encaminhã para o Ceo: Por sua maldade fará officio de Diabo; mas por ordem diuina fará officio de Anjo custodio: *Nam etsi dedit tentandi tui Dominus potestatem, mandat tamen Diabolo, vt animam tuam ipse custodiat, & assi exclama o Sancto Doutor no liaro de Peniten-*

*tia, trstando o mesmo ponto: Quanta vis Christi, vt custodia hominis imperetur, etiam ipsi Diabolo, qui semper vult nocere: Quão grande he o poder de Christo, que manda ao Diabo, que nos procura todo o mal, que assi guarde nossas almas, como se fora o Anjo de nossa guarda: Vt custodia hominis imperetur, etiam ipsi Diabolo, qui semper vult nocere.* Pois se o Diabo, sendo o peor estrangeiro, que pòde haer, espirito infernal, & o mais declarado inimigo que temos, se for mandado por Deos à India para a saluação das almas, & de seu maior bem espiritual, o fará como se fora seu Anjo custodio, como o não fará hum estrangeiro Sacerdote, Anjo de Graça por officio, amigo por deos, subdito de Vv. Magestades por affecto, que deixa a patria, parentes, & amigos, & os regalos, & mimos de Italia jardim do mundo, para dâr o sangue, & a vida pelo augmento de nossa sancta Fé. Ah Deos meus, vós que sabeis a verdade do meu animo, & conheceis quanto necessita a India de ministros do Evangelho, inspirai aos coraçoes dos Reys o que he tanto vosso, & seu seruiço.

87 Parecerã a alguem q̄ falso por interesse. Sy Senhores,

Ambrosio.  
in Psal.  
37.

Psal. 8.  
v. 3.

Ambr. de  
Penit.  
l. I. c. 13.

fy, por interesse fallo, mas não outo que o do seruiço de Deos, & de Vv. Magestades. Pobre fui à India, & pobre cheguei a Portugal. Pobre fui à India por terra de Roma, passando por entre Turcos, & Arabios; atraessado o Deserto, entrando por Babilonia, & pela Persia, sempre entre inimigos com este habito lagrado, padecendo muitas necessidades, até chegar a Goa: & pobre voltei a Portugal nas Naos de Vv. Magestades, debaixo da diuina Providencia, rico somente de desejo de dar a vida pela Fè Catholica, & cõuersão dos infieis, a cujo fim quizera voltar à India cõ hum exercito de meus Religiosos, tão pobres como eu, ricos só de zelo da saluação das almas, armados só de Calices para o sancto sacrificio da Missa. Estes são os diamantes, estas as riquezas que pretendemos da India os estrangeiros Missionarios da sancta Sè Apostolica, Religiosos Italianos da minha sagrada Religião, Theatinos pobres da diuina Providencia. Este he o interesse que tenho, & não outro; este o fim porque fallo, & o que peço a Deos, & a Vv. Magestades. Para com Vv. Magestades me valha sua piedade Christã, & seu Catholico zelo da cõuersão dos in-

fieis, principal intento dos Reys de Portugal progenitores de V. Magestade no descobrimento da India. Para cõ Deos valeime vós glorioso Apostolo S. Thomè, valhame a vossa intercessão, os vossos merecimentos, & me valha tambem a verdade com que fallo, & a tenção tão pura, tão recta, & tão justificada que tenho no que digo, & no que pretendo.

88 Bè vedes (Missionario diuino) o estado espirital da India, o como está falto, & quanto necessita de ministros Euangelicos. Hũa vinha tão distãte, & tão dilatada do Senhor quanto lhe são necessarios obreiros que a cultiuem: *Messis quidem multa, operarij autem paucij*. A tarefa he muita, mas os obreiros poucos. *Rogate ergo Dominum messis* (diz a Christo) *vt mittat operarios in messem suam*. Rogai ao Senhor da legã: rogai vós Sancto a Deos, que mande à India os obreiros, q̄ forem de seu maior seruiço, para que nella creça a Fé, & se augmente a piedade Christã.

89 Presente tambem vos está seu estado temporal tão opprimido com guerras, tão atenuado com perdas. Ponde nelle os olhos, para que torne a ser o que já foi em tempo de seus Reys Portuguezes; pois se

Mat. 9.  
num. 37.

se torna a ver possuida de Rey Portugues tão desejado, tão suspirado. A India gloriosissimo Apostolo he vnica filha vossa, vds a bautizastes, vds lhe destes o primeiro leite da Fé, vds a nutristes com o sancto Evangelho, & vds fostes o que a desposastes com Portugal, dandolhe em dote vosso proprio sangue. Como filha vossa remediai as grandes saudades que tem, remediando as muitas necessidades que padece. Não permitaes que entre a confusão das trevas lastimosas quando viuua de seus legitimos Reys com os apertos, & miserias, que por tão largos annos a affligião, chore, & se lastime; pois neste millico Ceo Portugues nasceo seu Sol, appareceo sua Lua, digo, seu Rey, & Rainha, seu desejado esposo, seu suspirado remedio. Conseruai este esposo, perpetuai este amparo, de que depende toda sua fermosura, & alegria. Fazei, que estes soberanos Planetas sempre resplandeçam, para que allumiem com seus raios a India. Lá nace o Sol, & amanhece o dia em Portugal: Lá nace a Lua, & manda logo os raios de sua luz a este Reyno. Aqui nasceo o Sol da India, aqui appareceo sua Lua; & todavia não chegou ainda lá sua luz, ainda he noite, & noite muito

escura, sem raios que a allumiem, sem resplandor que a alegre.

9o Naceraõ, Apostolo diuino, cinco fermosissimas estrelas á roda destes Planetas de cinco Serenissimos filhos, para coroaem esta vossa filha. Pondeos todos como em cinco epiciclos nas cinco chagas que adorastes em Christo, para que conseruem sua fermosura, por muito que o mundo escureça. A estrella maior do Serenissimo Principe ponde na chaga maior de seu amantissimo peito. Que se se abriu no Caluário, para sojeitar hum mundo a seu espirital imperio, & se abriu segunda vez, para render vosso espirito, abrahe terceira vez por vossa intercessão, para que goze o mundo nesta maior estrella hum grande Monarcha. Os dous Serenissimos Infantes ponde nas chagas das mãos, para que participando de seu poder, sejaõ dous valerosos Capitaes grandes defensores de sua Igreja, hum no Oriente, outro no Occidente. As duas Serenissimas Infantas ponde nas chagas dos pés, para que tenhaõ a fermosura da sagrada Esposa, de quem dizia seu diuino Esposo: *Quam pulchri sunt gressus tui in calcamentis, filia Principis*, fazendoas seu diuino Senhor tão fermosas

na alma, como as debuxou nas  
partes do corpo, com muitas  
prosperidades, & grandezas.  
Dai-nos a todos vossa bençaõ:  
Aos Reys, & toda casa Real,  
defendendoa de inimigos:  
Aos vassallos, emparandoos  
nos encontros, & batalhas, no  
mar, & na terra: A India, re-  
stituindolhe sua antiga felici-

dade, & fermosura: A todo es-  
te nobre auditorio, alcançan-  
dolhe os bês da alma: E a este  
indignissimo serao vosso Mis-  
sionario, communicandolhe  
vosso espirito Apostolico,  
com muita graça, pe-  
nhor da gloria.

Amen.

(:):

## LOVVADO SEIA O SANCTISSIMO SACRAMENTO.

### E a Immaculada Conceição da Virgem Maria S.N.